

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**ISOLAMENTO SOCIAL EM PRÉ-ADOLESCENTES: AS RELAÇÕES ENTRE A
QUALIDADE DA AMIZADE E A VINCULAÇÃO AOS PAIS**

Nome do autor

Joana Mendes da Conceição

N.º de Aluno

12477

Tese submetida como requisito parcial para obtenção o grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2010

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**ISOLAMENTO SOCIAL EM PRÉ-ADOLESCENTES: AS RELAÇÕES ENTRE A
QUALIDADE DA AMIZADE E A VINCULAÇÃO AOS PAIS**

Joana Mendes da Conceição

Dissertação orientada por Prof. Doutor António José dos Santos

**Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia
Especialidade em Psicologia Clínica**

2010

**Dissertação de Mestrado realizada sob a
orientação do Prof. Doutor António José dos
Santos, apresentada no Instituto Superior de
Psicologia Aplicada para obtenção de grau de
Mestre na especialidade de Psicologia Clínica
conforme o despacho da DGES, n.º 19673 /**

2006 em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Durante a realização deste trabalho, contei com a inestimável colaboração de algumas pessoas que me estenderam a mão para me animar e incentivar a seguir o melhor caminho.

Quero agradecer ao Prof. Doutor António José dos Santos, orientador de Dissertação de Mestrado do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) pelo suporte, apoio teórico, sugestões, críticas construtivas e análise dos dados.

Obrigada ao Externato Marista de Lisboa, pela facilitação na recolha de dados, em especial à Psicóloga do segundo ciclo, a Doutora Manuela Pires, e ao Professor Luís Gonçalves que me acompanharam e orientaram na escola.

À equipa de investigação em Psicologia do Desenvolvimento pela cedência de material e incentivos.

Às minhas colegas deste percurso, pela disponibilidade, pela amizade e sugestões.

E por último, mas igualmente importantes, à minha família e namorado pelo suporte emocional, paciência e boa dose de ânimo.

Resumo:

O objectivo do estudo foi investigar as relações entre a qualidade da amizade e a percepção de segurança da vinculação aos pais em pré-adolescentes que se retiram socialmente (N=143). Foram utilizados 4 questionários: Friendship Quality Questionnaire (FQQ), Kerns Security Scale (KSS), Aceitação/Amizade/Extensividade de Identificação da Rede de Relacionamentos (IRR) e o Extended Class Play (ECP). Os resultados mostram níveis inferiores na percepção da qualidade da amizade e menos reciprocidade na escolha dos melhores e bons amigos para o grupo das crianças retiradas. Em relação ao género e à percepção de segurança nas vinculações aos pais, não foram encontradas diferenças significativas.

Palavras-chave: Isolamento Social; Qualidade da Amizade; Vinculação.

Abstract:

The goal of this study was to investigate the relations between the friendship quality and the perceived attachment security to parents in social withdrawal preadolescents (N=143). Four questionnaires were used: Friendship Quality Questionnaire (FQQ), Kerns Security Scale (KSS), Friendship Nominations (IRR) and the Extended Class Play (ECP). The results show inferior levels in the perception of friendship quality and less reciprocity in the best and good friends for the group of withdraw children. Referring to the gender and to the perceived attachment security to parents, no significant differences were found.

Key words: Social Withdraw; Friendship Quality; Attachment.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
Isolamento Social.....	9
Amizade	16
<i>Qualidade da Amizade</i>	19
Vinculação.....	23
<i>Vinculação aos Pais</i>	25
Problema.....	30
Hipóteses	30
MÉTODO	34
Participantes.....	3
Delineamento.....	34
Instrumentos.....	3
Procedimento.....	37
RESULTADOS	3
DISCUSSÃO	42
REFERÊNCIAS	47

ANEXOS.....	54
Anexo A: Questionário	
FQQ.....	55
Anexo B: Questionário KSS.	59
Anexo C: Questionário IRR	67
Anexo D: Questionário ECP.....	69
Anexo E: Fiabilidade.....	78
Anexo F: Qui-Quadrado.....	87
Anexo G: Estatística descritiva.....	90
Anexo H: ANOVA One Way.....	92

FIGURA 1: Médias obtidas nas 6 sub-escalas do FQQ em função do grupo de crianças que se isolam/retiram do contacto social e as do grupo de controlo.....	39
---	-----------

TABELA 1: Dados relativos há variância dentro do grupo para as diferentes sub-escalas do FQQ, para a segurança relativa ao pai e à mãe e os dados do IRR referentes à escolha de melhores amigos e dos bons amigos.....	40
--	-----------

INTRODUÇÃO

Desde o início da infância, e ao longo da vida, segundo a perspectiva do desenvolvimento, as interações sociais fornecem o retorno sobre as outras pessoas que nos rodeiam, bem como informações sobre a nossa maneira de agir e pensar. De facto, a aprendizagem feita a cerca dos outros indivíduos é uma aprendizagem de nós próprios (Craig, 2000). A socialização e a individuação são partes integrantes no processo do desenvolvimento social e são fundamentais para a adaptação social. Falhar na integração destas duas funções pode favorecer a presença de características sociais negativas: propensão para relações de conflito, isolamento social, desenvolvimento de comportamentos agressivos e problemas no desenvolvimento cognitivo e emocional (Craig, 2000).

O desenvolvimento social é iniciado bem cedo na infância e é marcado por fortes ligações afectivas entre a criança e a mãe. Mas, por vezes, estas ligações são também estabelecidas com outras pessoas, a quem a criança se encontra vinculada, tais como à

figura paterna ou outras pessoas que lhe são importantes. As relações formam-se ao longo de diversas fases do desenvolvimento e estas diferem na qualidade. As crianças deixam de estar somente vinculadas às mães e passam a estabelecer relações com a família, pares e sociedade em geral (Craig, 2000).

O desenvolvimento social continua e as relações de sucesso num determinado contexto contribuem positivamente para o desenvolvimento de diferentes relações, também elas positivas, noutros contextos. Exemplo do referido, são as relações de vinculação segura aos pais e as relações positivas entre os pares. Estabelecida então a relação, há que ter em conta os seus detalhes, nomeadamente a continuidade, descontinuidade, em que contexto se insere e qual é a sua natureza, se se trata de uma apenas de mais um número a somar ou se faz parte das relações de qualidade. Diferentes relações servem diferentes propósitos e, como tal, varia também a significância atribuída a cada relação (Craig, 2000).

Os indivíduos que constituem as diversas relações são também eles diversos nas suas características internas e de socialização. Geralmente dá-se mais visibilidade aos adolescentes populares e aos agressivos, e passam despercebidos os que se isolam. Asher e Wheeler (1985) referem que seria importante averiguar, em maior detalhe, as características destas crianças que se sentem mais sozinhas.

Como a vinculação e o padrão de amizade são consideradas relativamente estáveis, e os estudos geralmente focam ou a infância ou a adolescência, acho pertinente basear o meu trabalho na fase de transição, a pré-adolescência.

Foi com base no referido e pela importância destes temas que decidi explorar a vertente da socialização, mais concretamente a qualidade das amizades e a vinculação aos pais, as primeiras ligações afectivas significantes para as crianças. O que me proponho é verificar as associações existentes e tornar mais visível os pré-adolescentes que se isolam, entrar um pouco mais no seu mundo, muitas vezes fechado aos demais.

Nesta introdução começarei por mencionar, as características do isolamento social, a amizade de um modo geral e em particular a qualidade da amizade. De seguida a vinculação e a vinculação aos pais, finalizando com o problema e hipóteses decorrentes da literatura.

Isolamento Social

Na procura por se compreender o comportamento social é fundamental identificar como é que as interacções humanas começam. Um número de características individuais são relevantes para se iniciar a exploração, como sejam o número de indivíduos presentes, o seu estatuto social, as interacções com outras pessoas com distintas características, as relações das maiorias-minorias e a presença em diversos grupos (Benenson & Heath, 2006).

Nessas interacções com pessoas com diferentes características, os pares desempenham um papel muito importante no desenvolvimento psicológico dos adolescentes (Savin-Williams & Berndt, 1990).

Nos grupos de pares está feita a base para a exploração do comportamento social e é importante verificar que competências sociais os adolescentes possuem. Estas podem ser representadas em dois grupos distintos, os populares e os impopulares (Coie, Dodge, & Kupersmidt, 1990; Hartup, 1996).

A popularidade dos adolescentes baseia-se nas competências sociais, como tal são-lhes atribuídas capacidades que contribuem para o seu sucesso social. Nestes, estão presentes as seguintes características: os outros consideram-nos como sendo uma pessoa amigável, cuidadosa e com humor (Coie et al., 1990; Hartup, 1996), tratam os demais com gentileza, são sensíveis às suas necessidades, ouvem-nos, comunicam claramente o próprio ponto de vista (Kennedey, 1990), participam nas diversas actividades do grupo, dando sugestões para as actividades, chamam outros para participar (Bryant, 1992), mostram visível confiança mas sem arrogância, exibem comportamentos adequados, vão de encontro às necessidades e percepções dos outros, são confidentes, amigáveis, bem humorados e inteligentes (Hartup, 1996).

Franzoi, Davis e Vasquez-Suson (1994) acrescentam que as crianças populares têm amizades mais próximas e íntimas, participam nas diversas actividades escolares, incluindo as extracurriculares, e recebem mais reconhecimento social.

Parkhurst e Asher (1992) estudaram os comportamentos e respostas emocionais associados à rejeição dos pares no início da adolescência. Descobriram que os adolescentes populares possuem baixos níveis de agressividade e desorganização, possuindo valores médios nas dimensões de assertividade. Na percepção dos pares, são vistos como merecedores da confiança, cooperam e são amigáveis.

Para Nangle, Erdley, Newman, Mason e Carpenter (2003), a popularidade é importante porque nos dá algumas luzes sobre a possível influência nas amizades e nos ajustamentos.

Segundo, Asher, Parker e Walker (1996) ser-se popular não é sinónimo de se ter amizades íntimas e próximas mas muitas das características dos adolescentes populares são compartilhadas com aqueles que têm boas competências sociais.

Os impopulares, pelo contrário, têm falta de competências sociais (Coie et al., 1990; Hartup, 1996). Interpretam, frequentemente, o comportamento dos outros como sendo mais intimidatório quando não o é na realidade (Coie et al., 1990).

Dentro da impopularidade, existem várias características que podem ser associadas à rejeição dos colegas: problemas de comportamento, depressão e dificuldades académicas (Parker & Asher, 1987). Mas estas podem diferir, quer sejam associadas a adolescentes rejeitados devido à sua agressividade quer sejam em relação à rejeição ligada ao isolamento social.

Os adolescentes podem ser, então, designados como pertencentes a dois tipos de impopularidade: os rejeitados ou os negligenciados (Parker & Asher, 1987). Já Parkhurst e Asher (1992) referem que existem três tipos de adolescentes impopulares: os agressivos, os que se isolam e os que complementam os dois anteriores.

Os rejeitados, são considerados ausentes e os seus colegas não desejam fazer parte da sua companhia. São percebidos pelos colegas como excessivamente agressivos, intrometidos, e são mais propensos a entrar em brigas com os colegas (Parker & Asher, 1987; Parkhurst & Asher, 1992; Prinstein & LaGreca, 2004), a ignorar o que os outros querem e a discordar dos outros, lutando pelo seu ponto de vista (Parker & Asher, 1987; Prinstein & LaGreca, 2004).

Em adição ao referido anteriormente, têm mais propensão a envolverem-se em actividades anti-sociais (Parkhurst & Asher, 1992; Underwood, Kupersmidt, & Coie, 1996), são mais susceptíveis aos riscos de problemas de conduta (Underwood et al., 1996) e a praticarem actividades de *bullying* (Parkhurst & Asher, 1992).

Parkhurst e Asher (1992) consideram, ainda, que estes adolescentes rejeitados podem ter associados comportamentos agressivos, serem conflituosos e carecerem de qualidades pró-sociais.

Nas crianças e adolescentes rejeitados existe a utilização de violência e esta encontra-se associada a outros problemas (Prinstein & LaGreca 2004). Mais, os adolescentes rejeitados e com tendência a comportamentos agressivos tendem a relacionar-se com

outros adolescentes que também exibem com problemas de agressão (French, Conrad, & Turner, 1995).

Os rejeitados agressivos apresentam maior probabilidade de deixarem a escola (Craig & Pepler, 1997; Savin-Williams & Berndt, 1990), conseguirem menos progressos escolares, terem níveis mais altos de delinquência, dificuldades nas aprendizagens e desenvolverem mais problemas de saúde mental e física quando forem adultos (Savin-Williams & Berndt, 1990).

De facto, segundo Ladd, Kochenderfer e Coleman (1996), quando os rapazes adolescentes percebem-se como conflituosos têm associados muitas formas de mal ajustamento, como sejam maiores níveis de solidão e evitamento e tendem a gostar menos da escola.

Dishion, Patterson, Stoolmiller e Skinner, (1991) referem que existe uma associação entre o fracasso na escola e a rejeição dos colegas e a predisposição para comportamentos antissociais, derivados da relação problemática com os pais coercivos e hostis.

No fundo, as crianças que agredem e são *bullies* têm mais risco de terem condutas incorrectas, delinquência na adolescência, de cometerem crimes e desenvolverem comportamentos anti-sociais na adolescência e na fase adulta. Têm dificuldades em manter o emprego e manter relações de intimidade sustentáveis e saudáveis (Craig & Pepler, 1997).

Como a escolha inicial de amigos começa com base nas semelhanças (Steinberg, 2008), adolescentes agressivos escolhem colegas agressivos. O problema é que a agressividade na escola conduz à rejeição.

Os adolescentes negligenciados não têm muitos amigos, mas isso não se deve ao facto destes entrarem em brigas mas sim por serem considerados como menos importantes e até mesmo ignorados pelos colegas. São tímidos e retiram-se do contacto com os outros, daí que, naturalmente, têm dificuldades em manter contactos e fazer amigos (Arnett, 2007).

Segundo Fordham e Stevenson-Hinde (1999), a timidez que perdura até a meio da infância pode ser um indicativo de problemas posteriores ao nível do ajustamento e a

internalização de problemas. A timidez pode, então, mais tarde estar associada menores níveis de auto-estima, solidão e ansiedade.

Estes adolescentes negligenciados, podem ser inicialmente tímidos ou rejeitados pelos outros e depois retiram-se socialmente e isolam-se.

Para Parkhurst e Asher (1992), estes adolescentes são igualmente rejeitados mas já na vertente de serem os reservados/tímidos, em que se denotam características como a hesitação na interação inicial com estranhos, apresentarem-se calmos e reticentes, sentirem desconforto em grupos grandes, reportarem níveis mais elevados de solidão, insatisfação social e preocupações por serem rejeitados e humilhados. São referidos pelos outros como estando frequentemente tristes.

Crianças isoladas, quando perto de outras crianças, são demasiadamente ansiosas e incertas e não sabem como iniciar uma conversa ou uma actividade. As outras crianças ficam desconfortáveis face a estas crianças isoladas porque exibem comportamento hesitante e pouco confiante (O'Leary, 1993) e têm falta de auto-estima (Hoza, Molina, Bukowski e Sippola, 1995; O'Leary, 1993; Rubin, O'Leary, Burgess, Booth-LaForce, & Rose-Krasnor, 2005b).

Estes adolescentes que se isolam, são tímidos e inibidos (Parkhurst & Asher, 1992), e mais susceptíveis de serem vítimas de *bullying* (O'Leary, 1993; Parkhurst & Asher, 1992).

Hoza et al. (1995) enunciam, ainda, que a tendência é para sentimentos de solidão, depressão e reduzida competência social.

Pode haver a criação de um ciclo de vitimização devido ao facto das crianças isoladas serem rejeitadas e vitimizadas, o que por sua vez contribui para a própria culpabilização (Graham & Juvonen, 1998).

Benenson e Heath (2006) referem que relativamente a estas crianças que se isolam, nos rapazes o isolamento é superior nas relações de um para um, enquanto que nas raparigas isolam-se mais quando estão num grupo. Acrescentam ainda, que quando as raparigas se encontram num grupo tendem a se focar num indivíduo. No que concerne às preferências dos rapazes, eles têm a vantagem de poderem beneficiar com a presença adicional de indivíduos.

No concernente ao estatuto da criança, nem todas as crianças com baixo estatuto se sentem sozinhas (Asher & Wheeler, 1985). É no grupo de crianças rejeitadas que existe mais variabilidade face ao grupo das crianças populares (Asher & Wheeler, 1985).

Na actualidade, o isolamento social encontra-se associado a dificuldades intrapessoais, como sejam: a solidão, as percepções negativas que o próprio tem relativamente à sua competência social, a depressão e a ansiedade, desde a média infância ao final da infância. Existem, igualmente, dificuldades reportadas no modo como se relacionam com os outros, mais concretamente na forma como experienciam rejeição por parte dos pares, são vítimas e as suas relações são inseguras, desde a média infância até ao final da infância (Rubin et al., 2005b).

Wigdor, Buskirk, Rubin, Rose-Krasnor e Booth-Laforce (2007) argumentam que as crianças que se isolam utilizam o discurso negativo e respondem mais positivamente quando as outras crianças utilizam, igualmente, o discurso negativo.

Quando comparando as crianças tímidas com as isoladas e as não sociáveis, as crianças tímidas têm maior ajustamento social e podem ter como factor de protecção o facto de terem um amigo próximo. As segundas referidas apresentam piores níveis de ajustamento, mais necessidades no que concerne à socialização e as raparigas sentem-se menos competentes que as restantes. Algumas crianças tímidas acham que são não sociáveis, mas de facto o que têm patentes são sentimentos de solidão e dificuldades na auto-estima. A acrescentar, as crianças não sociáveis aparentemente desejam mais suporte social mas também podem querer transparecer que têm elevados níveis no domínio social (Zumer, Wojlawowicz Bowker, Buskirk, Rubin, Booth-LaForce, & Rose-Krasnor, 2007).

Parker e Asher (1987) verificaram que no grupo das crianças isoladas se encontram duas categorias: os que têm problemas de relacionamento com os pares e os que são ignorados pelas restantes crianças da mesma idade. Somente nos primeiros é que surgem problemas de comportamento e formação de futuras associações delinquentes.

Fredstrom, Rubin, Rose-Krasnor e Booth-LaForce (2007) elaboraram um estudo sobre o modo como as crianças isoladas, as que se retiram do contacto social com os outros, pensam sobre as suas amizades. As crianças isoladas, face às restantes do grupo de

controlo, têm a mesma percepção de como se formam as amizades, níveis similares na formação e resolução dos conflitos mas mostraram níveis significativamente inferiores na compreensão da confiança e reciprocidade. Relativamente à proximidade, intimidade e confiança, os rapazes isolados possuíam níveis inferiores mas não houveram diferenças nas raparigas. Os autores referem que os rapazes têm relações de amizade menos íntimas e essa constatação é ainda mais visível nos rapazes isolados.

Podem ainda existir adolescentes que possuam características dos dois anteriores, agressivos e isolados. Estes podem estar mais propensos a desenvolver factores de risco associados a ambos os grupos. Neste grupo, os adolescentes têm dificuldades em controlar a hostilidade e tendem a estar nervosos em relações de amizade com outros adolescentes (Parkhurst & Asher, 1992).

No que concerne à relação dos pares, pode-se referir que se o amigo mútuo for mais isolado, há maior probabilidade do adolescente também se isolar e, no oposto, se o amigo for mais sociável, o próprio também aumenta os níveis de socialização (Oh, Rubin, Bowker, Booth-LaForce, Rose-Krasnor & Laursen, 2007).

Há que salientar que, não é condição exclusiva para a rejeição dos alunos o facto destes serem altamente agressivos ou mesmo submissos, dado que as qualidades positivas presentes nas interações desempenham um papel fulcral na opção da não rejeição e os pares tomam atenção a mais factores do que somente o comportamento negativo (Parkhurst & Asher, 1992).

Nangle et al. (2003) indicam que a popularidade é grandemente influenciada pelas amizades e que estas, subsequentemente, afectam a depressão. Referem que existe uma grande correlação entre sentimentos de solidão e a depressão. A popularidade, que não exerce o seu impacto directamente nos índices de solidão, é uma importante fase do desenvolvimento das relações. Não obstante, ainda mais importantes são as experiências na díade porque têm impacto mais directo na depressão e nos sentimentos de solidão.

É de referir ainda que, de um modo geral, existe consistência entre a popularidade e a impopularidade da infância à adolescência (Arnett, 2007). Dodge et al. (2003) mencionam

um ciclo diário de reforço da condição de popularidade e isso faz com que crianças populares sejam, igualmente, adolescente populares. Segundo Prinstein e LaGreca (2004), o mesmo ocorre no extremo oposto, com as crianças impopulares. Mesmo quando desenvolvem competências sociais, as outras crianças continuam a vê-los negativamente porque estão habituadas a percebê-los de tal maneira (Coie & Dodge, 1997).

Amizade

Existe uma distinção que deve ser feita: a popularidade refere-se à experiência de se ser melhor aceite pelos outros enquanto que a amizade diz respeito às relações bilaterais voluntárias existentes na díade, em que é atribuído às crianças a presença de um sentimento mútuo e de proximidade nessa relação. Na amizade estão também presentes os sentimentos de equidade percebida e reciprocidade, esta última referindo-se ao retorno positivo dos sentimentos entre os elementos constituintes do grupo de amizade (Rubin, Coplan, Chen, Buskirk, & Wojslawowicz, 2005a).

Dentro do conceito de amizade, ser-se amigo varia em função da idade. Com a idade as crianças passam a valorizar mais: o altruísmo recíproco, o conhecimento e a estabilidade das relações (Hartup, 1996).

Crianças com amigos são socialmente mais competentes do que aquelas que não possuem amigos. Mas é importante distinguir que tipo de amigos e que relações se estabelecem com eles (Hartup, 1996).

Os amigos que cada criança tem desempenham um papel importante no seu desenvolvimento. As crianças tendem a ser amigas de quem lhe é similar mas isso pode ser positivo ou negativo, consoante as amizades que se estabelecem. É positivo quando o amigo tem capacidades sociais bem desenvolvidas e funciona como um modelo do que é pró-social. Por outro lado, é negativo quando o amigo tem os mesmos problemas de comportamento que o próprio, isto porque, tal como foi referido, as crianças tendem a associar-se a amigos com as mesmas características que elas próprias (Hartup, 1996).

Hartup (1996) enuncia que entre amigos, as crianças estabelecem afecto positivo, cooperam, resolvem de maneira muito eficaz os conflitos, conversam mais e orientam-se para a resolução das tarefas. Rubin et al. (2005a) acrescentam que elas comunicam com mais nitidez, apresentam mais comportamentos pró-sociais e mais conflitos, que são resolvidos com negociação, equidade e mútuo acordo. Estes conflitos são mais frequentes mas também são resolvidos com mais facilidade. Estes aspectos não se verificam com as restantes crianças de quem não são amigos. As características referidas para a relação dos amigos podem ser utilizadas para descrever e prever o processo de formação de amizades.

De facto o ajustamento e desenvolvimento dos adolescentes é influenciado, positivamente e/ou negativamente, consoante as amizades que se estabelecem (Ladd et al., 1996).

Rubin et al. (2005b) enunciam alguns fenómenos decorrentes das amizades, tais como: com a idade e a respectiva maturação. À medida que fazem a transição para a adolescência, as crianças passam a dar mais significância às suas amizades. De facto, segundo Rubin et al. (2005a), as transições que ocorrem nas suas amizades são a imagem das transições internas, isto porque o seu pensamento também evolui do concreto para o abstracto. Assim, com a abertura a novas necessidades sociais e crescente compreensão do mundo que as rodeia, o que elas procuram numa amizade espelha o que são os seus desejos ou necessidades. Com o avançar da idade da infância as crianças vão, progressivamente, adquirindo gostos e pensamentos próprios e, com a crescente diferenciação cognitiva elas apercebem-se que dentro da amizade podem encontrar os recursos que necessitam.

As amizades tornam-se mais estáveis durante a adolescência e tal deve-se, em grande parte, ao desenvolvimento cognitivo e à capacidade de gestão de capacidades, tal como a negociação de conflitos (Rubin et al., 2005a).

As amizades começam com as crianças a escolherem para seus amigos aqueles que têm mais características exteriores e comportamentos parecidos com eles próprios. Com o avançar da infância, e à medida que se entra na adolescência, começam a prestar atenção àqueles que têm atitudes, opiniões e valores semelhantes, como procurando a imagem de si próprios nos outros (Rubin et al., 2005a).

Pode-se ainda adicionar que prestam atenção a características como as suas orientações educacionais, preferências na leitura, participação em actividades que contenham risco comportamental e a etnia (Arnett, 2007). E também prestam atenção à equidade e reciprocidade, escolhem para seus amigos aqueles que lhes são semelhantes e preferencialmente do mesmo género e raça e denota-se mais proximidade nas relações de amizade das raparigas do que nos rapazes (Adams & Berzonsky, 2003).

É importante, durante a infância, a formação e a manutenção de amigos próximos mas tem de se notar que o estabelecimento e a permanência dos amigos varia com a idade. Existe mais altruísmo recíproco e estabilidade das amizades ao longo da idade mas isso ocorre quando se está perante relações recíprocas e com amigos mútuos (Rubin et al., 2005a). No caso das crianças que se isolam, é importante verificar que tipo de amizades estabelecem porque, para as amizades perdurarem, tem de se estabelecer reciprocidade e suporte (Rubin et al., 2005b).

As amizades recíprocas são a base da aquisição de competências ao nível do desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças. Logo as crianças que têm dificuldades nas relações com os pares sofrem efeitos negativos, como sejam: problemas ao nível do comportamento, enveredando por uma componente anti-social e desistência da progressão nos estudos (Parker & Asher, 1987).

Em relação aos melhores amigos recíprocos, Bowker (2004) refere que, apenas metade o são no fim do ano escolar e essa permanência não está associada à qualidade de amizade.

No que concerne ao isolamento não foram encontradas diferenças relativas ao género. Na forma como os pares têm impacto na internalização das dificuldades, não são evidenciadas diferenças em crianças mais pequenas (Nangle et al., 2003; Parker & Asher, 1993).

A intervenção em crianças que se isolam deve ser elaborada face ao melhorar e desenvolver as relações existentes na díade do que em relação à aceitação dos pares (Nangle et al., 2003).

Çiftçi, Demir e Bikos (2008) indicam que os adolescentes utilizam diferentes estratégias de resolução de conflitos consoante o seu nível de solidão. Verificaram valores de interacção significantes entre tipo de relação e nível de solidão face às estratégias de resolução de conflito. Não verificaram relações significativas entre o nível de solidão, tipo de relação e estratégias de resolução de conflitos. Estas estratégias de resolução dos conflitos, que não eram mais do que verificar como é que os amigos colaboravam entre si, mostraram ser estatisticamente mais significantes que a solidão face à retirada social e

acomodação. Seguiram-se em segundo e terceiro nível de significância a colaboração e estratégias de forçar, respectivamente. É de referir que no último enunciado, o terceiro nível, os adolescentes reportaram o uso destas estratégias com maior frequência quando se tratavam das suas mães. Já em relação aos pais, as estratégias utilizadas por parte dos adolescentes foram de mais acomodação e colaboração, em vez de mais compromisso.

É importante verificar a ligação entre as relações com os pares e as suas repercussões para as restantes áreas do desenvolvimento das crianças (Bagwell, Newcomb, & Bukowski, 1998).

Nos pré-adolescentes existe uma relativa significância entre as amizades e a rejeição dos pares em relação ao futuro ajustamento positivo quando em adultos (Bagwell et al.,1998).

Existem diferentes componentes das relações dos pares que estão relacionados com aspectos distintos do modo de funcionamento nos adultos. Não se trata de estabelecer uma relação linear directa do ajustamento dos adultos face à aceitação ou rejeição dos pares nas amizades mútuas (Bagwell et al.,1998).

Na escolha dos amigos, é importante a proximidade que se estabelece, quer sejam vizinhos quer sejam colegas da mesma sala de aula. Mas também não se deve descurar que com a crescente mobilidade dos adolescentes eles estão menos restritos nas suas escolhas de amizade (Adams & Berzonsky, 2003).

Qualidade da Amizade

Adams e Berzonsky (2003) descrevem a qualidade da amizade como a capacidade de ter relações de amizade significantes e duradouras. Descobriram, ainda, associações significativas entre a qualidade da amizade nos pré-adolescentes e a qualidade da amizade na adolescência.

Os adolescentes que se percebem como mais agressivos, vêem também os pares das suas amizades com níveis mais elevados de conflito. Bukowski, Hoza e Bovin (1994) referem as dimensões de qualidade da amizade: companheirismo, conflito, ajuda, segurança e proximidade. Já em Parker e Asher (1989) referem que é constituída pelas seguintes

dimensões: cuidado, resolução de conflito, traição e conflito, ajuda e orientação, companheirismo e intimidade.

As relações de amizade, em que estão patentes a agressividade e o conflito, são percebidas como inferiores no que concerne aos níveis de proximidade, recepção de ajuda e segurança, sendo que no fundo eram percebidos níveis inferiores no que diz respeito à qualidade da amizade (Cillessen, Jiang, West, & Laszkowski, 2005).

Pelo contrário, os adolescentes que se percepcionavam como sendo mais pró-sociais relataram ter níveis inferiores de conflito nas suas relações. Nas percepções das suas amizades, estes adolescentes e seus amigos obtiveram níveis elevados no que se refere à qualidade da amizade mas os dados revelam que não existe necessariamente valores mais altos de companheirismo entre eles. Em adição ao referido, segundo os pares, os adolescentes que eram mais pró-sociais tinham associado maiores níveis de amizade relativamente ao companheirismo e ajuda. Os amigos referem as relações de amizade estabelecidas como baixas no que concerne aos conflitos e altas na proximidade (Cillessen et al., 2005).

Rubin et al. (2005b) indicam que as amizades são importantes para fornecerem: suporte social, oportunidades para o desenvolvimento de actividades de companheirismo e diversão, intimidade, carinho e confiança na pessoa com quem têm proximidade íntima.

Parker e Asher (1993) referem existir diferenças entre a aceitação e o ajustamento da amizade. Crianças com baixa aceitação social podem se encontrar satisfeitas com os seus melhores amigos mas nas dimensões da qualidade apresentam níveis mais baixos que as restantes crianças.

Perante sentimentos de solidão, podem ser feitas várias contribuições relevantes: terem um amigo, qualidade nas amizades e aceitação do grupo (Parker & Asher, 1993).

É importante distinguir o ajustamento nas amizades das crianças da geral aceitação dos pares. Independentemente da aceitação das crianças face aos pares, as que não têm melhores amigos referem se sentirem mais sozinhas do que aquelas que possuem melhores amigos. Para prever os sentimentos de solidão existem contribuições dos melhores amigos ao nível da qualidade da amizade e da aceitação. Em suma, os sentimentos de solidão das

crianças podem provir de diversas fontes que combinadas podem interferir no próprio bem-estar (Parker & Asher, 1993).

Apesar de alguns dados indicarem a diferenciação entre aceitação dos pares e a amizade, os autores Parker e Asher (1993) referem que as crianças que são melhor aceites pelos outros têm mais probabilidade de desenvolverem amizades na díade do que as crianças menos aceites. Acrescentam ainda, que as melhor aceites têm mesmo quase o dobro de probabilidade de terem um melhor amigo e que, nas menos aceites, os melhores amigos apresentam características mais problemáticas.

É importante realçar que os sentimentos de solidão e de insatisfação social são atenuados pela qualidade da rede de amizade das crianças. Valorizam também a importância da reciprocidade nas amizades e a capacidade das crianças manterem relações mútuas de qualidade em várias relações com os pares (Nangle et al., 2003).

Os efeitos positivos das amizades são cumulativos, no que se refere à quantidade e qualidade da amizade. A amizade parece ser um constructo contínuo que é constituído por vários níveis (Nangle et al., 2003).

Relações de amizade com bons amigos contribuem para o ajustamento social das crianças. Exemplo disso é as crianças poderem experienciar níveis inferiores de intimidade nas suas boas amizades, sendo que mesmo assim essas relações poderem providenciar companheirismo e ajuda (Nangle et al., 2003).

As crianças ao se isolarem, dos pares e das relações de amizade, providenciam um escape quando se tornam patentes os sentimentos depressivos (Nangle et al., 2003).

Segundo Martina e Stevens (2006), é importante não se focar somente nas amizades mas também ter em atenção às outras dimensões e situações que podem contribuir para a solidão. Exemplo do referido foi um programa desenvolvido com mulheres que se sentem sozinhas. Nesse programa, as participantes melhoram a quantidade e a qualidade das suas amizade mesmo nos seis meses seguintes do seu término. Procuram estimular o bem-estar e melhorar as relações sociais, especialmente na amizade. Constatou-se que houve uma ligeira melhoria ao nível da auto-estima e satisfação nas participantes. Mais, os sentimentos de solidão reduziram.

Nas percepções que os jovens adolescentes têm da qualidade dos seus melhores amigos, eles vêem as amizades de forma similar independentemente da raça mas, a raça/cultura podem influenciar a natureza das amizades (Menzer, Rubin, Bowker, Oh, Rose-Krasnor, & Booth-LaForce, 2008).

Em síntese, quando as crianças se tornam mais populares adquirem competências que as permite formar mais amizades e com as amizades de qualidade estas crianças têm menos probabilidade de se sentirem isoladas, o que também diminui o risco de terem sentimentos depressivos (Nangle et al., 2003).

Way e Greene (2006) abordam esta temática, enunciando que a percepção da qualidade das amizades dos adolescentes melhoram progressivamente desde a infância. Em particular, os rapazes melhoram, ainda mais que as raparigas, as suas percepções da qualidade das relações próximas com outros rapazes.

É de suma importância referir que as amizades de qualidade funcionam como elementos protectores na socialização. (Parker & Asher, 1993; Rubin et al., 2005b).

A maioria das crianças têm pelo menos um amigo (Rubin et al., 2005a) e a grande maioria dos adolescentes indica que têm pelo menos um amigo próximo (Adams & Berzonsky, 2003).

É difícil um adolescente mudar o seu padrão de solidão e de rejeição dos pares porque, tal como Hodges, Finnegan e Perry (1999) indicam, quando os mais jovens não têm amigos, estão mais susceptíveis a serem vítimas de *bullying* e as relações de amizade seguras diminuem. Tornam-se vítimas do grupo que os rejeita e os amigos próximos afastam-se com o receio de se tornarem, também eles, vítimas das represálias do grupo (Merten, 1996).

Na investigação de crianças que estão sem melhores amigos mútuos verificou-se que a amizade tem um papel importante no desenvolvimento social porque providencia às crianças um contexto de aprendizagem sobre elas, sobre os pares e do mundo à sua volta (Rubin et al., 2005a).

É expectável que adolescentes com níveis melhores de qualidade de amizade estejam mais ajustados socialmente e emocionalmente. No seu oposto, aqueles que têm mais impasses comportamentais podem manifestar mais dificuldades relacionais. No entanto, as relações de amizade de qualidade não são condição para a ausência problemas (Adams & Berzonsky, 2003).

De facto, é necessário ter em atenção que nem sempre a relação entre a qualidade da amizade e o ajustamento é composta por factores unicamente positivos. Algumas amizades não protegem as crianças de internalizarem os problemas e, o que também pode ocorrer, são incentivos ao desenvolvimento de comportamento anti-social (Nangle et al., 2003).

Vinculação

Quando o bebé nasce, a abertura ao mundo social é feita por uma pessoa que cuida dele, com a qual tem uma relação de vinculação. Com essa ligação afectiva significativa, está dado o passo inicial para a socialização onde vai aprender quais são as formas comuns de pensar e comportar-se na sua cultura e sociedade. De facto, mais tarde na infância, a socialização passa a ser uma componente ainda mais importante pois começa a adquirir as aprendizagens sobre o que deve fazer como parte integrante da sociedade (Gleitman, 1999).

O desenvolvimento social tem o seu começo com a primeira relação significativa para o bebé, o seu primeiro vínculo humano, que pode estar na base das futuras relações afectivas (Gleitman, 1999).

Os comportamentos vinculativos, a que o homem se adaptou evolutivamente, promovem a proximidade nas relações especiais e são protectores contra factores de risco (Bowlby, 1973).

Existe maior risco em se estar sozinho, é menos seguro do que estar com um companheiro. A presença de um companheiro faz com que hajam níveis inferiores de potencial perigo, encontramos conforto e temos menos níveis de ansiedade (Bowlby, 1973).

Estudos derivados de teorias do desenvolvimento focaram a rejeição com os pares, na pré-adolescência, e a sua relação com o desenvolvimento posterior de problemas comportamentais (Derek, 2004).

De acordo com a teoria da vinculação, a relação que se tem com os pais influencia a qualidade de outras relações próximas. Nos relacionamentos dos adolescentes com os seus pais e suas mães, existem mecanismos que fazem a ligação entre a vinculação e a amizade. Os sentimentos de segurança que os adolescentes têm nas relações com os pais influenciam a maneira de como eles sentem e pensam sobre situações desafiantes, mais concretamente nas relações que têm com os amigos mais próximos. É de referir que quando os adolescentes desenvolvem atribuições, emoções e estratégias de *coping* mal adaptadas têm associados níveis superiores de insegurança (Dwyer, Fredstrom, Rubin, Burgess, Booth-LaForce, & Rose-Krasnor, 2007).

Segundo Ainsworth (1979), quando perante mães evitantes, os bebés evidenciam aversão, são mais rejeitantes, mais frequentemente zangados e mais restritos na expressão dos afectos. O que poderá ocorrer é que o padrão de vinculação do bebé seja atribuído ao padrão de vinculação da mãe. Comparando as crianças pequenas com vinculação ansiosas com os que possuem vinculação segura, estes últimos tornam-se, com a idade, mais positivos e menos agressivos e menos evitantes para com as suas mães e familiares adultos. Mais tarde são mais competentes e mais simpáticos nas interações com os pares, demonstram mais interesse na exploração em novas situações, mais entusiasmo na resolução de problemas, são mais persistentes e têm melhores resultados medidos em testes ao nível do desenvolvimento e da linguagem. Os evitantes, por outro lado, são mais agressivos, menos complicados e mais evitantes. Já os ambivalentes são mais frustrados, menos persistentes e menos competentes.

Crianças que têm suporte familiar têm mais comportamentos proactivos ao nível do ensino aos outros, as discussões são mais ponderadas e calmas, têm interesse nos amigos e nas suas actividades e têm mais ajustamento social, académico e comportamental (Pettit, Bates, & Dodge (1997).

As relações familiares de suporte são protectoras contra aspectos ou situações negativas que possam surgir. As crianças, cujos pais providenciem suporte, têm melhores desenvolvimentos a nível do progresso académico mas também desenvolvem socializações positivas (Pettit et al., 1997).

O comportamento da criança é influenciado pelo o padrão educativo a que ela está exposta. As diferentes práticas educativas são o padrão autocrático, o permissivo e o autoritário recíproco (Gleitman, 1999).

Crianças educadas segundo o padrão autocrático mostravam as seguintes características: eram pouco comunicativas, careciam de independência e eram mais irritadas e desobedientes, em especial os rapazes. Já as crianças com pais permissivos não eram particularmente independentes e, no caso dos rapazes, tinham mais tendência para se zangar, com tendência à imaturidade e com falta de responsabilidade social. As crianças de modo autoritário-recíproco, dos três padrões de educação, eram mais independentes, capazes e socialmente responsáveis (Gleitman, 1999).

Vinculação aos Pais

Ao longo da infância e até à adolescência as percepções de disponibilidade das figuras vinculativas decrescem. As crianças procuram satisfazer as necessidades vinculativas com os pais mas as necessidades de companheirismo já são junto do grupo de pares. Não obstante, os pais continuam a ser o porto seguro até a adolescência (Kerns, Tomich, & Kim, 2006).

Kerns et al. (2006) acrescentam que prevêem que a partir da adolescência, a altura em que a vinculação aos pares começa a surgir, estas novas vinculações aos pares possam suplementar as vinculações aos pais, mas não substituir estas últimas. É de acrescentar que à medida que as crianças crescem passam a depender menos destas figuras vinculativas.

É na pré-adolescência que os pais e as crianças tendem a negociar as questões relacionadas com a autonomia e a independência. Os pré-adolescentes, embora continuem a valorizar as relações com os pais, vão se focar cada vez mais nas relações com os pares e passar cada vez mais tempo afastados dos seus pais (Kerns, Aspelmeier, Gentzler, & Grabill, 2001). É possível que sejam vários os factores que incitem a uma maior autonomia e menos utilização das figuras vincutivas. No que concerne aos pais, o incentivo pode provir de uma mensagem implícita ou explícita. Os pares, por sua vez, também esperam que progressivamente haja menos dependência (Kerns et al., 2006).

Dependendo das trajectórias do desenvolvimento de cada criança, podem haver diferenças no seu desenvolvimento social, mesmo nas suas percepções de disponibilidade e utilização dos pais (Kerns et al., 2006).

Relativamente à diferenciação de género, as raparigas, face os rapazes, percebem mais disponibilidade, maior aliança e menos comportamentos evitantes na interacção com as suas mães. Também são menos evitantes e mais preocupadas com o conforto emocional com os pais (Kerns et al., 2006).

A competência das crianças na fase da pré-adolescência é influenciada pelas percepções de vinculação segura às figuras parentais. É de referir que mesmo havendo maior vinculação segura associada aos pais do mesmo género da criança, as relações com a figura paterna são importantes devido à capacidade preditiva da competência tanto para os rapazes como para as raparigas (Diener, Isabella, Behunin, & Wong, 2008).

Diener et al. (2008) utilizaram a Kerns security scale e verificaram que associadas às competências com pares e percepções académicas existem correlações de vinculação segura superior em relação a ambos os pais e que essa associação tornava-se mais visível com crianças mais velhas. Relatam que as raparigas apresentam valores de maior vinculação segura às mães e os rapazes aos pais. Existem ainda maiores associações entre vinculação segura a ambos os pais do que somente a um. Face aos vários anos escolares, não foram observadas diferenças nas relações de vinculação e competência das crianças, ou seja, a vinculação segura percebida pela criança não varia em função da idade escolar mas sim de criança para criança e género da figura vincutiva.

Kerns & Stevens (1996) sugerem que a vinculação entre os pais e a criança relaciona-se com os relatos de solidão mas não com a qualidade da amizade. A relação de vinculação ao pai encontra-se associada à qualidade das interações diárias. No caso da vinculação à mãe, a associação é na vertente da qualidade e da quantidade.

McElwain e Volling (2004) revelam que quando a qualidade da vinculação ao pai é alta, a relação de vinculação mãe-criança está relacionada com a qualidade da amizade.

Já Sümer e Şendağ (2009) verificaram que os estudantes de doze anos possuíam menores níveis de vinculação segura aos pais e possuíam níveis mais elevados de ansiedade do que os estudantes de onze anos. Notaram que, apesar dos valores obtidos mostrarem que uma vinculação maior à mãe tinha em certo modo maiores valores preditivos de aceitação social e no caso dos pais maiores valores em relação à competência académica, atlética e conduta comportamental, tais valores eram não significativos.

É de salientar que quando reportada a vinculação segura em relação a ambos os pais, as crianças possuíam valores superiores no concernente à própria valorização, quando comparado com aqueles que são inseguros ou então os que estão vinculados seguramente mas apenas a uma figura parental. Em suma, vinculações seguras a ambos os pais são um ponto importante para o desenvolvimento de auto-conceitos positivos (Sümer & Şendağ, 2009).

Sümer e Şendağ (2009) mencionam que a aceitação social, as condutas comportamentais e a competência a nível do desempenho escolar medeiam a associação entre a ansiedade e a vinculação a ambos os pais.

Sümer e Şendağ (2009) acrescentam que, na amostra turca utilizada, não existem diferenças claras entre a vinculação à mãe e ao pai na predição das percepções do próprio *self*, os quais são considerados os pontos de ligação entre a vinculação segura e outras variáveis, tais como a ansiedade.

No que concerne à popularidade, adolescentes populares têm vinculações seguras e são mais adaptados nas relações com as mães e os melhores amigos. Têm mais comportamentos aprovados pelos pares no grupo e têm comportamentos mais aceitáveis pelos pares (Allen, Porter, McFarland, Marsh, & McElhaney, 2005).

Popularidade reflete a positiva adaptação psicossocial mas também tem o lado de terem de lidar com as influências na complexa socialização dos pares. É ainda mencionado que na qualidade da relação entre mãe e os adolescentes há uma correlação positiva com a popularidade (Allen et al., 2005).

No grupo de pares os adolescentes que são populares são considerados como mais competentes nas relações mais próximas (Allen et al., 2005).

A popularidade dos adolescentes está associada um número elevado de características positivas mas, os adolescentes populares apresentam, ao longo do tempo, um aumento nos níveis de comportamento desviante, abuso de álcool e abuso de substâncias e níveis decrescentes de comportamento hostil (Allen et al., 2005).

Relativamente ao positivismo ou negativismo parental, Hane, Cheah, Rubin, e Fox (2008) revelam existir diferenças no desenvolvimento das crianças que se isolam. Mães positivas influenciam positivamente as crianças que são consideradas tímidas mas as mães negativas, perante crianças isoladas, dispõem de um funcionamento social pouco enriquecedor.

Rubin, Dwyer, Booth-LaForce, Kim, Burgess e Rose-Krasnor (2004), dão indicações sobre o suporte parental percebido e a qualidade da amizade. Ambos predizem mais competência social, mais auto-estima e menos internalização de problemas. Indicam que a percepção de suporte paternal é um factor preditivo da menor rejeição e vitimização. De um modo geral, a percepção de suporte parental está associada há menor externalização de problemas. Rapazes com mães que dão suporte estão mais protegidos dos efeitos das relações de amizade de menor qualidade nas suas percepções de competência social.

A percepção de suporte parental e qualidade da amizade contribuíram para um maior competência social, menos internalização de problemas e melhor auto-estima. Para as raparigas, pode-se prever que tenham menos rejeição e vitimização dos pares quando está presente a qualidade da amizade (Rubin et al., 2004).

Lieberman, Doyle e Markiewicz (1999) referem que as percepções das crianças face à disponibilidade da mãe e as percepções dos rapazes em relação à figura paterna não variam em função da idade. Já a dependência aos pais decresce com a idade. Referem também que a disponibilidade do pai é um importante factor preditivo de menores conflitos com os melhores amigos.

Relações de amizade de qualidade e a falta de conflito com os seus melhores amigos foram positivamente relacionadas com a vinculação a ambas as figuras paternas. O mesmo não sucedeu em relação à popularidade ou às relações recíprocas (Lieberman et al., 1999).

Para os autores Booth-LaForce, Oh, Kim, Rubin, Rose-Krasnor e Burgess (2006), uma maior segurança à mãe está associada a maiores competências sociais. Já em relação ao pai, uma vinculação mais segura está relacionada com níveis inferiores de violência.

Podem-se fazer associações entre as representações da vinculação e as relações de amizade na adolescência. Representações de vinculação seguras estão associadas à amizade e aos amigos próximos, à aceitação do grupo e à regulação emocional (Zimmermann, 2004).

Adolescentes que mencionam ter elevados níveis de intimidade em adultos não indicam ter a auto-estima elevada, melhores relações com os pais nem relatos de *stress* psicológico (Giordano, Cernkovich, Groat, Pugh, & Swinford, 1998).

Para Zimmermann, Gliwitzky e BeckerStoll (1996), as representações de vinculação segura dos adolescentes estão associadas a maiores níveis de resiliência, a menos hostilidade, a mais contentamento consigo mesmos e mais comportamentos pró-sociais. Eles próprios conseguem desafiar-se no sentido de promover relações mais próximas e sustentáveis, face aos adolescentes com vinculações inseguras.

Segundo Shulman, Elicker e Sroufe (1994), os pré-adolescentes, quer sejam seguros ou ansiosos nas suas vinculações, indicaram e foram observados a formar amizades. Os que dispõem de vinculações seguras revelaram um maior nível de competência nas díades do que os pré-adolescentes ansiosos.

Nas crianças, a falta de conflitos com os melhores amigos e o que elas relataram ser qualidades de amizade positivas estão relacionadas com a vinculação ao pai e à mãe. Isso não se verificou na presença de amizades recíprocas e da popularidade (Lieberman et al., 1999).

Diener et al. (2008) acrescentam que a vinculação segura não está relacionada com características objectivas mas sim com a percepção que as crianças têm de si próprias.

Derek (2004) refere que menor vinculação aos pares não é por si só factor preditivo de futuros comportamentos delinquentes. Mas se os sujeitos isolados encontrarem na escola pares problemáticos, existe um aumento significativo de delinquência e associações a pares delinquentes.

Segundo Kerns et al. (2006), crianças próximas da adolescência deixam de recorrer tanto às figuras vinculativas. Passam a focar as relações com os pais relativamente às necessidades de vinculação e em relação aos pares no que concerne às necessidades de companheirismo. Com a idade as crianças apresentam melhor regulação emocional e comportamental. Os pais continuam a ser figuras fundamentais de vinculação nas crianças próximas da adolescência pois estas os percebem como disponíveis e preferem recorrer aos pais em situações que envolvem a satisfação das necessidades de vinculação. O que ocorre é que ao longo do tempo as crianças deixam de depender tanto dos pais daí que diminuem a frequência de recorrência às figuras vinculativas e passem a preferir os pares, desenvolvendo necessidades de afiliação. Em relação ao género, é de notar que as raparigas percebem as mães mais disponíveis do que os rapazes. Estes últimos, ainda em relação à mãe, evitam mais a cooperação e têm menos sentimentos de dependência do que as raparigas.

Problema

Com base nas temáticas, investigações e associações subjacentes referidas anteriormente, farei uma síntese na qual incluirei as investigações que deram origem ao problema e às hipóteses que me proponho averiguar.

Desde os primórdios da infância que a aprendizagem dos outros é uma aprendizagem de nós próprios. No início, o desenvolvimento social é marcado pelas ligações afectivas aos pais mas depois, com o avançar da idade estabelecem-se outras relações significativas, que diferem na qualidade. Falhar na adaptação social origina uma propensão para o isolamento social (Craig, 2000).

Baseando-me nestas indicações de Craig (2000) o meu intento é verificar a qualidade da amizade que se estabelece quando nos baseamos na fase do desenvolvimento social que corresponde à da pré-adolescência. Mais, pretendo verificar as associações relativas à segurança da vinculação à mãe e ao pai. A questão que pretendo procurar esclarecer é a seguinte: será que os pré-adolescentes que se isolam e se retiram socialmente possuem relações de amizade com qualidade e têm associados valores relativos à segurança das vinculações aos pais?

Hipóteses

Na adaptação social, Nangle et al. (2003) referem que a popularidade nos dá algumas indicações sobre as boas competências sociais. Já Asher et al. (1996) indicam que os populares têm características compartilhadas com aqueles que têm boas competências sociais mas que os indivíduos que têm boas competências sociais não são necessariamente populares. Franzoi et al. (1994) referem que crianças populares têm amigas mais próximas e íntimas mas Asher et al. (1996) acrescentam que ser-se popular não é sinónimo de se ter amigas íntimas e próximas. No oposto, as crianças impopulares carecem de competências sociais (Coie et al., 1990; Hartup, 1996; Hoza et al., 1995).

De um modo geral, é identificada consistência entre a popularidade e a impopularidade da infância à adolescência (Arnett, 2007) e existe um reforço diário da condição de

popularidade (Dodge et al., 2003) e da condição de impopularidade (Prinstein & LaGreca, 2004).

No concernente aos adolescentes impopulares que se isolam, existem várias características a mencionar: não tem muitos amigos, são considerados como menos importantes que os restantes, são ignorados pelos colegas (Arnett, 2007), mostram hesitação na interacção inicial com estranhos, são calmos e reticentes, sentem desconforto em grupos grandes, reportam níveis mais elevados de solidão e insatisfação social, mostram-se preocupados por serem rejeitados e humilhados, são referidos pelos outros como estando frequentemente tristes (Parkhurst & Asher, 1992), não sabem iniciar uma conversa ou actividade porque ficam ansiosos e incertos quando estão perto das outras crianças (Olweus, 1993) e têm falta de auto-estima (Hoza et al., 1995; Olweus, 1993; Rubin et al., 2005b). Em adição ao enunciado, estas crianças são mais susceptíveis de serem vítimas de *bullying* (Olweus, 1993; Parkhurst & Asher, 1992), apresentam uma tendência para sentimentos de depressão e solidão (Hoza et al., 1995), culpabilizam-se (Graham & Juvinen, 1998), apresentam dificuldades interpessoais (Rubin et al., 2005b), utilizam o discurso negativo e associam-se ao discurso negativo das outras crianças (Wigdor et al., 2007), apresentam piores níveis de ajustamento, têm mais necessidades relativas à socialização (Zumer et al., 2007) e têm níveis inferiores na compreensão da confiança e reciprocidade (Fredstrom et al., 2007).

Relativamente ao género, raparigas isoladas sentem-se menos competentes que as restantes (Zumer et al., 2007) e o seu isolamento é superior nas relações de grupo (Benenson & Health, 2006). Os rapazes isolados possuem níveis inferiores relativamente à proximidade, intimidade e confiança (Fredstrom et al., 2007) e isolam-se mais nas relações de um para um (Benenson & Health, 2006). Já Nangle et al. (2003) e Parker e Asher (1993) referem não existir diferenças relativas ao género quando estudaram o isolamento.

No seguimento do que foi referido por Nangle et al. (2003) e Parker e Asher (1993), coloco a hipótese de não encontrar diferenças relativas ao género face ao isolamento/retirada social.

É necessário fazer a distinção entre a popularidade, que diz se refere à experiência de ser melhor aceite pelos outros, e a amizade, que diz respeito às relações bilaterais

voluntárias na díade em que estão presentes: a proximidade, a equidade percebida, a reciprocidade e o sentimento mútuo dessa relação (Rubin et al., 2005a).

Segundo Hartup (1996), as crianças tendem a ser amigas de quem lhes é similar mas essa escolha de amizades tanto pode ser positiva como negativa. Quando o amigo tem capacidades sociais bem desenvolvidas e funciona como modelo do que é pró-social, essa amizade é positiva. Já em relação à parte negativa, esta decorre quando o amigo apresenta os mesmos problemas que o próprio.

É importante verificar a qualidade das amizades que se estabelecem. Segundo Adams e Berzonsky (2003), qualidade da amizade refere-se à capacidade de se ter relações de amizade e duradouras e significantes. É constituída pelas seguintes dimensões: cuidado, resolução de conflito, traição e conflito, ajuda e orientação, companheirismo e intimidade (Parker & Asher, 1989).

É importante ter-se relações de amizade porque elas providenciam: suporte social, oportunidades para o desenvolvimento de actividades de companheirismo e diversão, intimidade, carinho e confiança na pessoa com quem se tem proximidade íntima (Rubin et al., 2005b).

Os adolescentes que se referem como sendo mais pró-sociais, nas percepções que têm das suas amizades, eles e os seus amigos obtiveram valores superiores de qualidade da amizade, não denotando necessariamente valores mais elevados no que concerne ao companheirismo. Já segundo os pares, estes adolescentes mencionados como mais pró-sociais tinham associados maiores níveis de amizade relativamente ao companheirismo, proximidade e a ajuda e níveis mais baixos de conflitos (Cillessen et al., 2005).

Tendo como base o trabalho de Cillessen et al. (2005), o que pretendo é me focar nas percepções das amizades por parte de pré-adolescentes que não são mais pró-sociais, mais precisamente aqueles que apresentam piores níveis de ajustamento e têm mais necessidades relativas à socialização (Zumer et al., 2007), os pré-adolescentes de se retiram e isolam-se do contacto social. A hipótese que se coloca é a seguinte: pré-adolescentes do grupo de retirados/isolados socialmente terão associados valores inferiores na qualidade da amizade, mais precisamente níveis inferiores de companheirismo,

proximidade e ajuda. Mais, Fredstrom et al. (2007) e Rubin et al. (2005b), mencionam que as relações de intimidade são superiores nas crianças seguras. Os rapazes inseguros tem níveis inferiores de intimidade. Espero, então, verificar que estejam patentes níveis inferiores de intimidade nos isolados/retirados. Em relação aos conflitos, Parkhurst e Asher (1992) referem que estas crianças isoladas/retiradas são calmas, e Olweus (1993) e Parkhurst e Asher (1992) indicam que são as vítimas de *bullying* e não os agressores. Logo, o que pretendo explorar são baixos níveis no que concerne ao conflito. Na resolução de conflitos, espero níveis igualmente baixos devido aos níveis baixos que possuem no que concerne às competências pró-sociais (Nangle et al., 2003).

É ainda mencionado que os efeitos positivos das amizades são cumulativos no que se refere à quantidade e qualidade da amizade (Nangle et al., 2003).

No que concerne aos amigos mútuos, se este amigo for isolado, há uma maior probabilidade do próprio também se isolar e, inversamente, com amigos mais sociáveis o próprio aumenta os níveis de socialização (Oh et al., 2007).

Baseando-me no que a literatura refere que os sujeitos isolados/retirados não têm muitas competências pró-sociais que promovam a construção de amizades e no que refere Nangle et al. (2003), a hipótese que irei averiguar é: os pré-adolescentes que se isolam/retiram socialmente não serão tão nomeados como melhores amigos nem como bons amigos como os restantes pré-adolescentes, logo terão níveis inferiores de reciprocidade.

MÉTODO

Participantes

Este estudo tem uma amostra constituída por 143 alunos de classe média-alta, de 7 turmas, dos 5º e 6º anos de um externato em Lisboa. Os participantes representam 69,4% de todos os estudantes presentes nessas salas de aula (63 alunos foram excluídos por falta de autorização dos encarregados de educação). Participaram 77 alunos (35 rapazes e 42 raparigas) do 5º ano e 66 alunos (38 rapazes e 28 raparigas) do 6ºano, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos. O total de crianças que respondeu aos três questionários foi de 135 e 9 alunos responderam a pelo menos um dos questionários (2 rapazes e 4 raparigas do 5º ano e 2 raparigas do 6º ano).

Delineamento

Amostras em que estejam estudados os pré-adolescentes, bem como crianças e adolescentes, isolados/retirados socialmente tem sido alvo de recentes investigações que ainda não exploraram totalmente o pensamento, o desenvolvimento e o comportamento destes rapazes e raparigas. Este tema gera algumas preocupações relativas ao momento actual e ao futuro adaptativo destes pré-adolescentes que possuem dificuldades pró-sociais. Cada vez mais investigadores estão a interessar-se por averiguar as características e implicações actuais e futuras deste grupo. No entanto este é um assunto bastante complexo e é influenciado por um elevado número de factores que tornam previsível a difícil

chegada a uma conclusão definitiva e concordante entre diversos autores e teorias subjacentes.

Penso ser, então, interessante tentar descobrir um pouco mais as características que surgem da relação entre a qualidade da amizade e a percepção de vinculação segura relativamente ao pai e à mãe na minha amostra alvo, os sujeitos que se isolam/retiram face aos restantes pré-adolescentes.

Optei por elaborar um estudo comparativo. Comparei os dois grupos, retirados e o grupo de controlo para poder associar os dados às dimensões da qualidade da amizade, às respostas das percepções da vinculação segura percebida por parte do próprio, relativamente a ambos os pais, à nomeação de bons amigos, recíprocos e unilaterais e aos melhores amigos mútuos.

Instrumentos

Neste estudo vão ser utilizados quatro questionários. Para averiguar a qualidade da amizade utilizarei o Friendship Quality Questionnaire (FQQ) de Parker e Asher (1989) (Anexo A), para as percepções de vinculação segura aos pais farei uso do KSS - Kerns Security Scale (Kerns, Klepac, & Cole, 1996) (Anexo B), para verificar quais são os melhores amigos e os bons amigos recíprocos vou aplicar o IRR - Aceitação/Amizade/Extensividade de Identificação da Rede de Relacionamentos (Bukowski, Hoza, & Boivin, 1994) (Anexo C) e o Extended Class Play (ECP) (Rubin, Wojslawowicz, Rose-Krasnor, Booth-LaForce, & Burgess, 2006) (Anexo D) também será utilizado para se distinguir quais são as crianças que se isolam/retiram do contacto social.

O FQQ é um questionário que possibilita aceder às percepções das crianças nos vários aspectos das melhores amizades. É composto por 41 itens, 40 itens primários e 1 item inicial que possibilita adaptação. Através deste item é pedido aos sujeitos que pensem num amigo específico e atribuam uma classificação a cada qualidade dessa relação. Mais concretamente, em cada item é pedido que atribuam uma pontuação através de uma

escada de Likert de 5 pontos (1 corresponde a “nada verdadeiro” e 5 é igual a “muito verdadeiro”).

O sujeito indica qual é o melhor amigo que tem na escola, mencionando o ano e a turma correspondente. Isso evita que as respostas no questionário sejam baseadas nas representações internas do que é suposto ser uma relação de amizade ou que pense em diversos amigos.

O FQQ é composto por 6 sub-escalas em áreas do companheirismo e recreação, validação e cuidado, ajuda e orientação, proximidade íntima, conflito e traição e resolução de conflito (alphas de Cronbach's entre 0.73 e 0.90), em que os valores superiores indicam maior percepção do próprio em relação à qualidade da amizade ou níveis mais elevados de conflito.

O KSS é um questionário que permite aceder às percepções das crianças e dos adolescentes relativas à segurança percebida em relação ao pai e à mãe. É constituído por 15 itens referentes ao pai e 15 relativos à mãe (alpha de Cronbach's igual a 0.84). Mais concretamente, é avaliada a confiança que as crianças têm na disponibilidade, responsividade, facilidade e interesse na comunicação relativamente às suas figuras de vinculação.

É pedido à criança que dentro das frases apresentadas escolha aquela com a qual mais se identifica, com a da esquerda ou da direita, e depois indicar se na afirmação escolhida é exactamente como ele ou mais ou menos como ele.

Cada item é cotado de 1 a 4 pontos, em que os valores mais elevados são indicadores de maior segurança na vinculação aos pais.

No IRR são indicados os melhores amigos e os bons amigos e é possível verificar se a escolha é unilateral ou se existe reciprocidade na escolha por parte dos amigos. É pedido aos sujeitos que indiquem o melhor amigo (primeira questão) e o segundo melhor amigo (segunda questão) da mesma escola e ano. Devem apenas mencionar amigos do mesmo género que eles. Na terceira e última questão pede-se que identifiquem três bons amigos da escola, independentemente do género e ano escolar.

O ECP permite fazer a distinção entre os diferentes tipos de agressividade, a vitimização por parte dos pares e o isolamento/retirada social activa. Nas instruções deste questionário, as crianças são instruídas a serem encenadores de uma peça de teatro e a nomearem os seus colegas da turma para os diferentes papéis. Terão que escolher duas crianças para cada papel, um rapaz e uma rapariga, mas a mesma criança pode ser escolhida para vários papéis. Cada papel corresponde a um item do questionário.

Este questionário é composto por 37 itens que correspondem a 5 dimensões: a agressividade, a retirada social/timidez, a vitimização/exclusão, os comportamentos pró-sociais e a popularidade/sociabilidade (alphas de Cronbach's entre 0.82 e 0.91).

Procedimento

Comecei por contactar a escola no sentido de obter a aprovação por parte da Psicóloga, do Responsável pelo 2º ciclo e do Irmão Director. Após ter sido disponibilizado o acesso à escola para a aplicação do estudo, foram enviados, para a casa de cada criança, os pedidos de autorização aos pais/encarregados de educação.

Foi feita a minha apresentação a cada uma das turmas, sempre acompanhada da Psicóloga Dra. Manuela Pires. Solicitei a listagem das turmas de 5º e 6º anos com o nome de todos os alunos.

As autorizações que vinham com o consentimento dos pais foram recolhidas pelos professores e entregues à Psicóloga que me as devolveu. Na semana seguinte, que correspondeu com a última semana de aulas do 3º período, e nos dias estipulados para cada turma foram aplicados os questionários aos alunos que tinham a permissão. Alguns alunos entregaram no próprio dia as autorizações e outros que se tinham esquecido do papel mas que tinham a autorização preencheram os questionários. Estes últimos levaram para casa os questionários preenchidos e só os devolveram no dia seguinte conjuntamente com a folha de autorização dos pais.

Para cada turma, a aplicação ocorreu num só dia e sem interrupções dos intervalos. É importante realçar que fui variando a ordem de administração entre cada questionário.

Os questionários foram aplicados em grupo na sala de aula somente aos alunos com permissão. Em cada questionário, li em voz alta as instruções e, de seguida, cada criança preencheu-o individualmente.

RESULTADOS

É importante indicar que, da análise dos resultados do ECP foram constituídos dois grupos, o grupo dos pré-adolescentes isolados/retirados socialmente e o grupo de controlo. Para a constituição destes grupos foi tido em atenção que para fazer parte do primeiro os jovens deveriam evidenciar as características do isolamento (30% do topo) e possuírem valores inferiores à média no que concerne à agressão. Já no grupo de controlo, os escolhidos possuíam valores inferiores à média nas características do isolamento e da agressão.

Vou começar por apresentar os valores obtidos na fiabilidade (Anexo E) e compará-los com os dados dos autores dos questionários do FQQ e do KSS.

Relativamente ao FQQ, os valores originais do questionário variam consoante as sub-escalas e os alphas de Cronbach's têm valores entre 0,73 e 0,90. Como o menor valor

indicado é superior a 0,70, pode-se referir que existe estabilidade nas medidas deste questionário.

Os valores da obtidos dos alphas de Cronbach's relativos à minha amostra foram, de um modo geral, congruentes com os dados originais. Relativamente às sub-escalas: validação e carinho ($\alpha=0,85$), traição e conflito ($\alpha=0,82$), ajuda e orientação ($\alpha=0,89$) e proximidade íntima ($\alpha=0,87$), os valores são superiores a 70% e tudo indica que não serão perturbáveis por factores parasitas ou erros de medida. Já em relação aos itens de resolução de conflito ($\alpha=0,64$) e aos de companheirismo/recreação ($\alpha=0,66$), os resultados obtidos nestas escalas podem não ser tão fiáveis, apesar de serem valores próximos do patamar inferior de $\alpha=0,70$. Face ao estudo original deste instrumento, os valores que obtive podem ser menos fiáveis (alphas de Cronbach's entre 0,641 e 0,889).

No que concerne ao dados do KSS, o estudo inicial refere um α de 0,84. Comparando com os valores que obtive (segurança ao pai $\alpha=0,74$ e segurança à mãe $\alpha=0,77$), no meu estudo obtiveram-se níveis inferiores de fiabilidade mas ainda assim, superiores ao valor mínimo desejável.

Na minha primeira hipótese, ponho em evidência a possibilidade não encontrar diferenças relativas ao género dos participantes face ao isolamento/retirada social. Através do estudo do Qui-Quadrado (Anexo F), verifiquei que $p<0,40$ ou seja que não existe uma associação significativa entre o tipo de grupo (Retirados versus Controlo) e o género (Feminino versus Masculino). Os resultados obtidos corroboram a minha hipótese.

Os pré-adolescentes do grupo de retirados/isolados socialmente terão associados valores inferiores na qualidade da amizade, mais precisamente níveis inferiores de companheirismo, proximidade/intimidade e ajuda/orientação. Para testar esta hipótese vou recorrer à estatística descritiva da Figura 1 (Anexo G) e aos resultados da ANOVA One Way da Tabela 1 (Anexo H).

O gráfico seguinte irá fornecer informações relevantes e sumárias da estatística descritiva do FQQ.

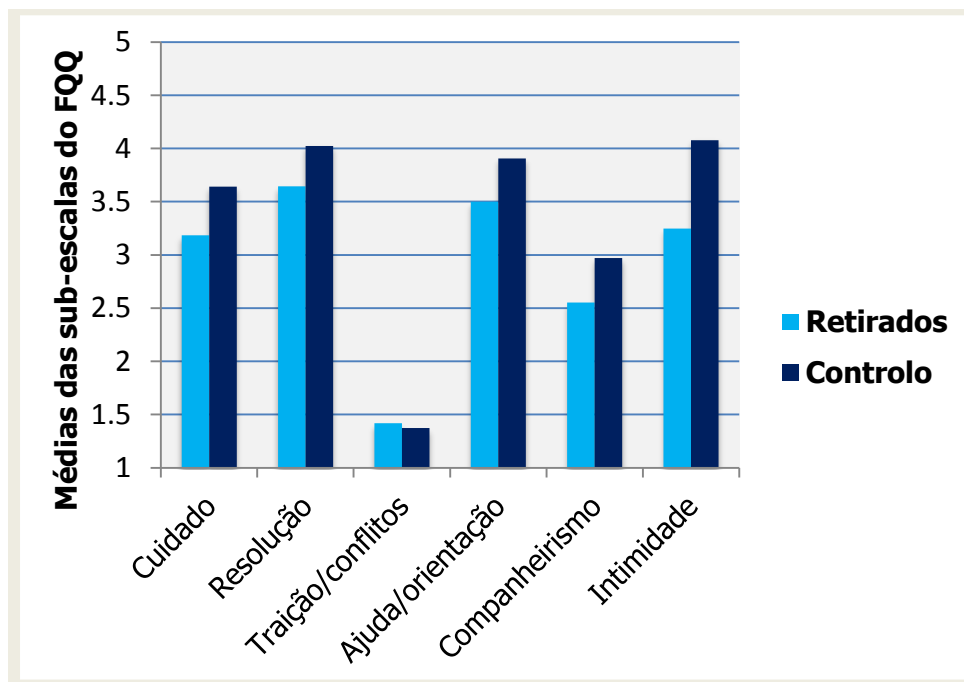


Figura 1: Médias obtidas nas 6 sub-escalas do FQ em função do grupo de crianças que se isolam/retiram do contacto social e as do grupo de controlo.

Para confirmar ou infirmar a minha hipótese vou apresentar um quadro síntese dos resultados obtidos na análise de variância com um factor.

ANOVA					
	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Cuidado	1,897	1	1,897	3,274	0,078
Resolução de Conflitos	1,429	1	1,429	1,323	0,257
Traição/conflitos	0,021	1	0,021	0,068	0,795
Ajuda/orientação	1,701	1	1,701	2,020	0,163
Companheirismo	1,818	1	1,818	3,625	0,064

Intimidade/proximidade	6,925	1	6,925	6,757	0,013
Segurança ao pai	0,278	1	0,278	2,148	0,150
Segurança à mãe	0,118	1	0,118	0,735	0,396
IRR1	2,330	1	2,330	2,583	0,113
IRR2	3,572	1	3,572	3,663	0,060
IRR3	19,577	1	19,577	6,496	0,013

Tabela 1: Dados relativos há variância dentro do grupo para as diferentes sub-escalas do FQQ, para a segurança relativa ao pai e à mãe e os dados do IRR referentes à escolha de melhores amigos e dos bons amigos.

No que concerne à segunda hipótese colocada, de facto os pré-adolescentes retirados apresentam valores inferiores nas sub-escalas do companheirismo ($\bar{X}=3,19$; $SD=0,81$), da proximidade/intimidade ($\bar{X}=3,25$; $SD=1,17$) e da ajuda ($\bar{X}=3,50$; $SD=0,95$) mas isso não é sinónimo de que essas diferenças são significativas. Recorrendo à tabela da Tabela 1, verifico que para a sub-escala da ajuda/orientação ($p<0,17$) não existem diferenças significativas entre os grupos. Para a sub-escala do companheirismo ($p<0,07$) existem tendências que dão conta das possíveis diferenças nas percepções dos grupos, sendo o grupo dos retirados a receber menos suporte. No que se refere à proximidade/intimidade ($p<0,02$) as diferenças existentes são significativas. Face ao exposto, a hipótese fica parcialmente confirmada.

Foi ainda referido que seriam expectáveis níveis inferiores relativos à resolução de conflitos. Para a amostra abordada não existem diferenças significativas ($p<0,26$), ou seja, apesar de terem níveis inferiores ($\bar{X}=3,65$; $SD=1,01$) face aos do grupo de controlo ($\bar{X}=4,03$; $SD=1,05$) terei que refutar a hipótese.

Nos dados relativos ao FQQ, na sub-escala de traição/conflitos ($\bar{X}=1,42$; $SD=0,55$; $p<0,80$) não existem diferenças significativas entre os dois grupos. Na sub-escala de cuidado ($\bar{X}=3,19$; $SD=0,81$; $p<0,08$) existe uma tendência para níveis inferiores de cuidado serem percebidos no grupo das crianças rejeitadas.

De um modo geral, e tal como é visível nas figuras anteriores, estas crianças isoladas/retiradas apresentam níveis inferiores na percepção de qualidade das suas relações de amizade mas nem sempre esses dados são significativos.

Foi, ainda, descrita a hipótese de que os pré-adolescentes que se retiram/isolam, face ao grupo de controlo, não sejam tantas vezes nomeados como melhores amigos nem como bons amigos e que experienciem níveis inferiores de reciprocidade. É de assinalar que, no item referente à escolha do melhor amigo, existe uma tendência para os membros do grupo dos retirados/isolados serem menos escolhidos que os do grupo de controlo ($p < 0,12$). Quando a escolha diz respeito aos segundos melhores amigos, os sujeitos retirados/isolados são ainda menos referenciados, havendo já uma tendência forte a enunciar ($p < 0,07$). Torna-se claro que na escolha dos bons amigos, a diferença é significativa ($p < 0,02$) face ao grupo de controlo.

No concernente às escolhas serem ou não recíprocas, foi elaborado um teste de Qui-Quadrado para esclarecer essa questão. De acordo com o esperado, existe uma diferença significativa ($p < 0,03$) face à escolha unilateral e recíproca no que diz respeito ao grupo dos retirados/isolados e ao do grupo de controlo. Nos dados analisados, o tipo de escolha unilateral está mais associado ao grupo dos retirados/isolados e a escolha recíproca aos do grupo de controlo.

Em termos da segurança que o próprio tem nas relações de vinculação com ambos os pais não existem diferenças significativas face ao do grupo de controlo. Em relação às mães não existem diferenças significativas na relação de segurança ($p < 0,40$), mas face aos pais o nível de significância aproxima-se do valor da tendência ($p < 0,16$).

DISCUSSÃO

No que concerne à minha questão central do trabalho o que me tinha proposto verificar era, para os pré-adolescentes isolados/retirados, a existência de relações de amizade de qualidade e a associação de relativos à segurança das vinculações aos pais. Foram verificados resultados que indicam que podem haver relações de amizade de qualidade mas

que estão patentes níveis inferiores na percepção dessa qualidade. Mostram, também, que não existe uma associação significativa entre a segurança nas vinculações aos pais, por parte dos pré-adolescentes isolados.

Os dados obtidos da minha primeira hipótese, e que vão de encontro ao que era expectável, realçam que não existe uma associação significativa entre o tipo de grupo, retirados ou o de controlo, e o género dos participantes. Comparando os estudos relativamente ao género, e dos quais os meus resultados são discordantes, é referido a existência de uma maior proximidade nas relações de amizade das raparigas (Adams & Berzonsky, 2003) e o isolamento é superior nas relações de grupo (Benenson & Health, 2006). Kerns et al. (2006) indicam, ainda, que nas raparigas, face aos rapazes, há a percepção de maior disponibilidade, maior aliança e menos comportamentos evitantes. Para os rapazes são indicados os níveis inferiores relativos à proximidade, à intimidade e à confiança (Fredstrom et al., 2007) e isolam-se mais nas relações de um para um (Benenson & Health, 2006). Apesar dos estudos referidos, a minha hipótese foi corroborada e vai de encontro ao que Parker e Asher (1993) mencionam, que não existem diferenças relativas ao género quando se estuda o isolamento.

No que diz respeito à segunda hipótese indicada, que foi parcialmente confirmada, no companheirismo é explicado que podem haver diferenças nas percepções dos grupos, sendo o grupo dos retirados a receber menos suporte; na proximidade/intimidade as diferenças existentes são significativas; na ajuda/orientação não existem diferenças significativas entre os grupos. Cillessen et al. (2005) e Zumer et al. (2007) referem existir níveis inferiores nestas três sub-escalas quando as crianças se isolam. Fredstrom et al. (2007) acrescenta a presença de valores inferiores na sub-escala da intimidade. A possível explicação, que posso fornecer face ao facto da não existência de diferenças significativas nos valores de ajuda/orientação, é que estes jovens frequentam um externato sob orientação religiosa e moral o que, pelos valores transmitidos, pode fomentar uma maior igualdade interpessoal.

Em adição à hipótese, e fazendo menção às restantes sub-escalas, foram verificados os níveis referentes à resolução de conflitos, à traição/conflitos e à sub-escala de cuidado. Na primeira, era expectável a presença de níveis inferiores relativos à resolução de conflitos mas a hipótese foi refutada. Na sub-escala traição/conflitos não foram verificadas

diferenças significativas entre os grupos. Na sub-escala de cuidado é referida uma tendência para níveis inferiores de cuidado percebidos no grupo das crianças rejeitadas. Cillessen et al. (2005) referem a presença de níveis mais baixos de conflitos; o que posso referir é que na constituição da amostra foi tido em atenção o conflito como factor importante para a inclusão ou não nos dois grupos em estudo e em ambos os grupos havia a presença de valores inferiores a cinquenta por cento. Logo, face aos alunos de um modo geral é possível que até possa existir diferenças nesta sub-escala mas relativamente a este estudo e à comparação destes dois grupos não se verificaram diferenças significativas. Parkhurst e Asher (1992) referem que as crianças isoladas/retiradas são calmas, e Olweus (1993) e Parkhurst e Asher (1992) indicam que são as vítimas de *bullying* e não os agressores. Relativamente ao cuidado, Coie et al. (1990) e Hartup (1996) mencionam que as crianças populares distinguem-se por serem cuidadoras. Ora, como as crianças isoladas/retiradas são consideradas impopulares faz sentido que haja uma tendência na percepção de cuidado inferior.

Foi, ainda, descrita a hipótese de que os pré-adolescentes que se retiram/isolam, face ao grupo de controlo, não sejam tantas vezes nomeados como melhores amigos nem como bons amigos e que experienciem níveis inferiores de reciprocidade. Os dados obtidos mostram que relativamente aos melhores amigos, segundos melhores amigos e bons amigos, há progressivamente uma tendência para a menor escolha por parte dos colegas. Torna-se evidente que, relativamente à escolha para bons amigos, a diferença é significativa. Estes dados estão de acordo com o que refere Nangle (2003): os efeitos positivos das amizades são cumulativos no que se refere à quantidade e qualidade da amizade. Como as crianças isoladas são impopulares e apresentam menos competências pró-sociais, seria de esperar que fossem menos vezes nomeadas como melhores amigos e, ainda mais, como bons amigos.

No concernente às escolhas serem ou não recíprocas, obteve-se a indicação que o tipo de escolha unilateral está mais associado ao grupo dos retirados/isolados e a escolha recíproca aos do grupo de controlo. A hipótese foi confirmada e segue a mesma linha de orientação que Nangle et al. (2003). Fredstrom, et al. (2007) e Rubin et al. (2005a) referem, também, que as crianças isoladas apresentam níveis significativamente inferiores na

reciprocidade das suas amizades. Como a reciprocidade nas amizades é inferior nos sujeitos isolados/retirados era de prever que as escolhas unilaterais fossem predominantes.

No que concerne à segurança que o próprio tem nas relações de vinculação com ambos os pais não foram encontradas diferenças significativas face ao do grupo de controlo. Esta indicação sugere o oposto do que é referido por Dwyer et al. (2007) que faz menção aos níveis de insegurança serem superiores quando os adolescentes desenvolvem atribuições, emoções e estratégias de *coping* mal adaptadas.

Torna-se evidente que as relações de amizade são importantes para o ajustamento social das crianças (Nangle et al., 2003) porque providenciam suporte social, oportunidades para o desenvolvimento de actividades de companheirismo e diversão, intimidade, carinho e confiança na pessoa com quem se tem proximidade íntima (Rubin et al., 2005b).

Existem algumas limitações neste estudo. Há que referir, primeiramente, que o número de participantes no estudo foi muito reduzido e do número inicial de sujeitos que responderam aos questionários, foram seleccionados alguns pré-adolescentes para o grupo de controlo, por possuírem baixos níveis de agressividade e de isolamento, e outros foram referenciados no grupo da retirados/isolamento social. Ora, tal facto, deveria ter previsto inicialmente que necessitaria de uma amostra maior para assegurar a validade externa dos instrumentos e retirar resultados mais representativos e próximos da distribuição normal na população.

Houveram alguns questionários que não foram preenchidos na sua totalidade e isso pode ter-se devido a diversos factores: ser a última semana de aulas e os jovens se encontrarem mais inquietos, com mais actividades extracurriculares e com a atenção desfocalizada. Por outro lado a paginação dos questionários pode ter sido um importante factor limitativo do estudo, porque os questionários foram impressos na frente e no verso. Haviam crianças que preenchiam à parte da frente da folha mas não preenchiam o seu lado oposto.

Mais, os jovens que no dia da aplicação ainda não tivessem devolvido a folha de autorização dos pais, levavam para casa os questionários para retornar no dia seguinte conjuntamente com a autorização. Ocorreu o seguinte, a grande maioria dos jovens que

levou os questionários para casa no dia seguinte tinham-se esquecido deles. Os outros pré-adolescentes que os levaram para casa na devolução, no dia seguinte, não sabiam onde os tinham posto.

Os questionários que apliquei, com excepção do IRR, são extensos, principalmente o ECP. Seria interessante estudar apenas os itens que queremos utilizar, reduzindo o número de alíneas e fazer um estudo no sentido de verificar as qualidades psicométricas existentes e a validade externa.

No que se refere a sugestões para novas investigações estas poderiam replicar o estudo elaborado mas com uma amostra maior no sentido de refinar dados e pressupostos teóricos inerentes.

Pode ser pertinente averiguar em maior detalhe a segurança dos pré-adolescentes face às figuras vinculativas. Podemos verificar com este trabalho a indicação que o isolamento/retirada social pode não estar associado à segurança da vinculação, tal como referem alguns autores mas seria importante explorar um pouco mais as relações de segurança relativas à figura paterna. Estes últimos, têm um papel de suma importância na promoção da socialização dos filhos mas com limites e regras. Como os meus resultados são próximos do que é significativo, replicando o estudo e tendo especial atenção ao número de sujeitos e aos procedimentos de aplicação, pode ser que se encontrem associações entre o tipo de segurança face à figura de vinculação paterna e o modo de agir das crianças que se excluem/isolam do contacto social. Mais, seria interessante verificar o padrão educativo a que a criança está exposta, padrão autocrático ou o permissivo, e verificar se existem ligações relativas ao modo como a criança de age, pensa e sente. Seria ainda interessante examinar se dispõem da presença diária e constante destes pais durante o processo educativo ou se, por outro lado, primam pela ausência.

É importante ter em atenção aos padrões de crescimento e mudanças ocorridas ao longo da vida. Existe de facto um ambiente dinâmico que muda constantemente e exerce a sua influência nos padrões de comportamento biológicos.

Seriam de valorizar estudos de futuro que verificassem o impacto das amizades fora do âmbito escolar, reunindo o número e as características dessas amizades. Uma criança pode se isolar mais num contexto da sua vida do que nos restantes. Embora se possa

esperar que em termos do seu pensamento e maneira de agir não sejam muito diferenciados porque se trata de uma única pessoa, podemos verificar se amizades e amizades significativas em outros contextos podem exercer influências positivas na criança. Pela facilidade e operacionalização dos estudos muitas vezes recorrem-se a amostras escolares para verificar as características das amizades, como sejam a qualidade da amizade e a reciprocidade, mas seria interessante verificar se existe continuidade e constância destas características relativamente aos outros grupos em que a criança se insere.

A relevância deste trabalho prende-se com a necessidade de se explorar quais são esses padrões biológicos ou muito iniciais da base dos relacionamentos e as influências posteriores que estão sujeitos. Dá-nos indicações sobre as percepções sobre a qualidade da amizade e a vinculação segura aos pais e coloca no centro da investigação o lado muitas vezes imperceptível do mundo dos jovens que se retiram proactivamente das relações de socialização com os outros que lhes são semelhantes.

Investigações relativas à fase da infância e ao processo de transição para a adolescência, a meu entender, são muito importantes porque podem ter o carácter preditivo dos futuros desenvolvimentos e adaptações sociais dos jovens. Estas investigações podem servir de base a projectos interventivos no sentido de melhorar e promover as características intrapessoais e interpessoais.

REFERÊNCIAS

- Adams, G., & Berzonsky, M. (2003). *Handbook of adolescence development*. London: Blackwell Publishing.
- Ainsworth, M. D. S. (1979). Infant-mother attachment. In W. Craig (Ed.), *Childhood social development: the essential readings* (pp. 13-24). Malden: Blackwell.
- Allen, J. P., Porter, M. R., McFarland, F. C., Marsh, P., & McElhaney, K. B. (2005). The two faces of adolescents' success with peers: Adolescent popularity, social adaptation, and deviant behavior. *Child Development*, 76 (3), 747-760.
- Arnett, J. (2007). *Adolescence and emerging adulthood: A cultural approach* (3rd ed.). New Jersey: Pearson Prentice Hall.
- Asher, S., Parquer, J., & Walker, D. (1996). Distinguishing friendship from acceptance: Implications for intervention and assessment. In W. Bukowski, A. Newcomb, & W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 366-405). New York: Cambridge University Press.
- Asher, S. R., & Wheeler, V. A. (1985). Children's loneliness: A comparison of rejected and neglected peer status. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53 (4), 500-505.
- Bagwell, C. L., Newcomb, A. F., & Bukowski, W. M. (1998). Preadolescent friendship and peer rejection as predictors of adult adjustment. In W. Craig (Ed.), *Childhood social development: the essential readings* (pp. 86-112). Malden: Blackwell.
- Benenson, J. F., & Heath, A. (2006). Boys withdraw more in one-on-one interactions, whereas girls withdraw more in groups. *Developmental Psychology*, 42 (2), 272-282.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss* (Vol. 2). Middlesex: Penguin Books.
- Booth-LaForce, C. L., Oh, W., Kim, A., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., & Burgess, K. B. (2006). Attachment, Self-Worth, and Peer-Group Functioning in Middle Childhood. *Attachment and Human Development*, 8, 309-325.

- Bowker, A. (2004). Predicting friendship stability during early adolescence. *Journal of Early Adolescence, 24*, 85-112.
- Bryant, B. K. (1992). Conflict resolution strategies in relation to children's peer relations. *Developmental Psychology, 13*, 35-50.
- Bukowski, W. M., Hoza, B., & Bovin, M. (1994). Measuring friendship quality during Pre- and early adolescence: The development and psychometric properties of the Friendship Qualities Scale. *Journal of Social and Personal Relationships, 11* (3), 471-484.
- Çiftçi, A., Demir, A., & Bikos, L. H. (2008). Turkish adolescents' conflict resolution strategies toward peers and parents as a function of loneliness. *Adolescence, 43* (172), 911-926.
- Cillessen, H. N., Jiang, X. L., West, T. V., & Laszkowski, D. K. (2005). Predictors of dyadic friendship quality in adolescence. *International Journal of Behavioral Development, 29* (2), 165-172.
- Coie, J. D., & Dodge, K. A. (1997). Aggression and antisocial behavior. In N. Eisenberg (ed.), *Handbook of child psychology (5th ed., vol. 3)*. York: Wiley.
- Coie, J. D., Dodge, K. A., & Kupersmidt J. B. (1990). Peer group behavior and social status. In S. R. Asher, & J. D. Coie (Eds.), *Peer rejection in childhood* (pp. 17-29). New York: Cambridge University press.
- Craig, W. M., & Pepler, D. J. (1997). Observations of bullying and victimization in the schoolyard. In W. Craig (Ed.), *Childhood social development: the essential readings* (pp. 116-136). Malden: Blackwell.
- Craig, W. (2000). *Childhood social development: the essential readings*. Malden: Blackwell.
- Derek, K. A. (2004). Strangers in the halls: Isolation and delinquency in school networks. *Social Forces, 83* (1), 351-390. Retrieved January 27, 2010 from EBSCO Host Academic Search Complete database.
- Diener, M. L., Isabella, R. A., Behunin M. G., & Wong M. S. (2008). Attachment to mothers and fathers during middle childhood: Associations with child gender, grade, and competence. *Social Development, 17* (1), 84-101.

- Dishion, T., Patterson, G., Stoolmiller, M., & Skinner, M. (1991). Family, school, and behavioral antecedents to early adolescent involvement with antisocial peers. *Development Psychology, 27*, 172-180.
- Dodge, K. A., Landsford, J. E., Burks, V. S., Bates, J. E., Pettit, G. S., Fontaine, R. P., & Joseph, M. (2003). Peer rejection and social information-processing factors in the development of aggressive behavior problems in children. *Child Development, 74*, 374-393.
- Dwyer, K., Fredstrom, B. K., Rubin, K. H., Burgess, K. B., Booth-LaForce, C. B., & Rose-Krasnor, L. (2007, March). *The relations among attachment, social information processing, and friendship quality in early adolescence*. Poster session presented at the Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Boston, MA.
- Fordham, K. & Stevenso-Hinde, J. (1999). Shyness, Friendship Quality, and Adjustment During Middle Childhood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 40* (5), 757-768.
- Franzoi, S., Davis, M., & Vasquez-Suson, K. (1994). Two social worlds: Social correlates and stability of adolescent status groups. *Journal of Personality and Social Psychology, 67*, 462-473.
- Fredstrom, B. K., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., & Booth-LaForce, C. (2007, March). *How socially withdrawn children think about friendship*. Poster session presented at the Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Boston, MA.
- French, D., Conrad, J., & Turner, T. (1995). Adjustment of antisocial and nonantisocial rejected adolescents. *Development and Psychopathology, 7*(4), 857-874.
- Giordano, P. C., Cernkovich, S. A., Groat, H. T., Pugh, M. D., & Swinford, S. P. (1998). The quality of adolescent friendships: Long term effects? *Journal of Health and Social Behavior, 39* (1), 55-71.
- Gleitman, H. (1999). *Psicologia* (4a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Graham, S., & Juvonen, J. (1998). Self-blame and peer victimization in middle school: An attributional analysis. *Developmental Psychology, 34*, 587-599.

- Hane, A. A., Cheah, C. S. L., Rubin, K. H., & Fox, N. A. (2008). The role of maternal behavior in the relation between shyness and social withdrawal in early childhood and social withdrawal in middle childhood. *Social Development, 17*, 795-811.
- Hartup, W. W. (1996). The company they keep: Friendships and their developmental significance. In W. Craig (Ed.), *Childhood social development: the essential readings* (pp. 61-84). Malden: Blackwell.
- Hodges, E., Finnegan, R., & Perry, D. (1999). Skewed autonomy relatedness in preadolescents conceptions of their relationships with mother, father, and their best friend. *Developmental Psychology, 35*, 737-748.
- Hoza, B., Molina, B., Bukowski, W., & Sippola, L. (1995). Peer variables as predictors of later childhood adjustment. *Development and Psychopathology, 7*, 787-802.
- Kennedy, J. H. (1990). Determinants of peer social status: Contributions of physical appearance reputation, and behavior. *Journal of Youth and adolescence, 19*, 233-244.
- Kerns, K. A., Aspelmeier, J. E., Gentzler, A. L., & Grabill, C. M. (2001). Parent-child attachment and monitoring in middle childhood. *Journal of Family Psychology, 15* (1), 69-81.
- Kerns, K. A., Klepac, L., & Cole, A. (1996). Peer relationships and preadolescents perceptions of security in the child-mother relationships. *Developmental Psychology, 32*, 457-466.
- Kerns, K. A., & Stevens, A. C. (1996). Parent-child attachment in late adolescence: Links to social relations and personality. *Journal of Youth and Adolescence, 25* (3), 323-342.
- Kerns, K. A., Tomich, P. L., & Kim, P. (2006). Normative trends in children's perceptions of availability and utilization of attachment figures in middle childhood. *Social Development, 15* (1), 1-22.
- Ladd, G. W., Kochenderfer, B. J. & Coleman, C. C. (1996). Friendship quality as a predictor of young children's early school adjustment. In W. Craig (Ed.), *Childhood social development: the essential readings* (pp. 139-166). Malden: Blackwell.

- Lieberman, M., Doyle, A., & Markiewicz, D. (1999). Developmental patterns in security of attachment to mother and father in late childhood and early adolescence: Associations with peer relations. *Child Development, 70* (1), 202-213.
- Martina, C. M. S., & Stevens, N. L. (2006). Breaking the cycle of loneliness? Psychological effects of a friendship enrichment program for older women. *Aging & Mental Health, 10* (5), 467-475.
- McElwain, N. L., & Volling, B. L. (2004). Attachment security and parental sensitivity during infancy. Associations with friendship quality and false-belief understanding at age 4. *Journal of Social and Personal Relationships, 21* (5), 639-667.
- Menzer, M. M., Rubin, K. H., Bowker, J. C., Oh, W., Rose-Krasnor, L., & Booth-LaForce, C. (2008, March). *The quality of European American and Asian American young adolescents' best friendships*. Poster session presented at the Biennial Meeting of the Society for Research in Adolescence, Chicago.
- Merten, D. E. (1996). Visibility and vulnerability: Responses to rejection by nonaggressive junior high school boys. *Journal of Early Adolescence, 16*, 5-26.
- Nangle, D. W., Erdley, C. A., Newman, J. E., Mason, C. A., & Carpenter, E. M. (2003). Popularity, friendship quantity, and friendship quality: Interactive influences on children's loneliness and depression. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 32* (4), 546-555.
- Oh, W., Rubin, K. H., Bowker, J. C., Booth-LaForce, C. L., Rose-Krasnor, L., & Laursen, B. (2007). Trajectories of social withdrawal middle childhood to early adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology, 36*, 553-556.
- Olweus, D. (1993). Victimization by peers: Antecedents and long-term outcomes. In K. Rubin & J. Asendorf (Eds.). *Social withdrawal, inhibition, and shyness* (315-341). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1987). Peer acceptance and later personal adjustment. Are low accepted children at risk? *Psychological Bulletin, 102*, 357-389.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1989, April). Peer relations and social adjustment: Are friendship and group acceptance distinct domains? In W. M. Bukowski (Chair),

Properties, processes, and effects of friendship relations during childhood and adolescence. Symposium conducted at the biennial meeting of the Society for Research in Child Development, Kansas City, MO.

- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: Links with peer group acceptance and feeling of loneliness and social dissatisfaction. *Developmental Psychology, 29* (4), 611-621. Retrieved April 05, 2010, from PsycARTICLES database.
- Parkhurst, J. T., & Asher, S. R. (1992). Peer rejection in middle school: Subgroup differences in behavior, loneliness, and interpersonal concerns. *Developmental Psychology, 28* (2), 231-241. Retrieved April 05, 2010, from PsycARTICLES database.
- Pettit, G. S., Bates, J. E., & Dodge K. A. (1997). Supportive parenting, ecological context, and children's adjustment: a seven year longitudinal study. In W. Craig (Ed.), *Childhood social development: the essential readings* (pp. 26-27). Malden: Blackwell.
- Prinstein, M. J., & LaGreca, A. M. (2004). Childhood peer rejection and aggression as predictors of adolescent girls' externalizing and health risk behaviors: A 6-year longitudinal study. *Journal of Consulting & Clinical Psychology, 72*, 103-112.
- Rubin, K. H., Coplan, R., Chen, X., Buskirk, A., & Wojslawowicz, J. C. (2005a). Peer relationships in childhood. In M. Bornstein, & M. Lamb (Eds.), *Developmental Psychology: An advanced textbook* (5th ed., pp. 469-512). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Rubin, K. H., Dwyer, K. M., Booth-LaForce, C. L., Kim, A. H., Burgess, K. B., & Rose-Krasnor, L. (2004). Attachment, friendship, and psychosocial functioning in early adolescence. *Journal of Early Adolescence, 24*, 326-356.
- Rubin, K. H., Oh, W., Burgess, K. B., Booth-LaForce, C., & Rose-Krasnor (2005, April). *Social Withdrawal and the Transition from Late Childhood to Early Adolescence: The Role of Friendship*. Paper presented as part of symposium, Contemporary issues in the study of social withdrawal (K.H. Rubin & H. Gazelle, Chairs). Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Atlanta, GA.

- Rubin, K. H., Wojslawowicz, J., Rose-Krasnor, L., Booth-LaForce, C., & Burgess, K. (2006). The best friendships of shy/withdrawn children: Prevalence, stability, and relationship quality. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 34 (2), 143-157.
- Savin-Williams, R., & Berndt, T. (1990), Friendship and peer relations. In S. Feldman, & G. Elliott (Eds.), *At the threshold: The developing adolescent* (pp. 277-307). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Shulman, S., Elicker, J., & Sroufe, L. A. (1994). Stages of friendship growth in preadolescence as related to attachment history. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11 (3), 341-361.
- Steinberg, L. (2008). *Adolescence* (8th ed.). New York: Mc Graw Hill.
- Sümer, N., & Şendağ, M. A. (2009). Attachment to parents during middle childhood, self-perceptions, and anxiety. *Turkish Journal of Psychology*, 24 (63), 102-103.
- Underwood, M., Kupersmidt, J. R., Coie, J. (1996). Childhood peer sociometric status and aggression as predictors of adolescent childbearing. *Journal of Research on Adolescence*, 6, 202-223.
- Way, N., & Greene, M. L. (2006). Trajectories of perceived friendship quality during adolescence: The patterns and contextual predictors. *Journal Research on Adolescence*, 16 (2), 293-319.
- Wigdor, A. B., Buskirk, A. A., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., & Booth-LaForce, C. (2007, May). *Negative speech and responses in socially withdrawn and typical children*. Poster session presented at the Annual Meeting of the Association for Psychological Science, Washington, DC.
- Zimmermann, P. (2004). Attachment representations and characteristics of friendship relations during adolescence. *Journal of Experimental Child Psychology*, 88 (1), 83-101.
- Zimmermann, P., Gliwitsky, J., & BeckerStoll, F. (1996). Attachment and friendship-relations in adolescence. *Psychologie in Erziehung und Unterricht*, 43 (2), 141-154.
- Zumer, M., Wojslawowicz Bowker, J.C., Buskirk, A.A., Rubin, K.H., Booth-LaForce, C., & Rose-Krasnor, L. (2007, March). *Motivations for Social Withdrawal and Links to*

Internalizing Problems in Early Adolescence. Poster session presented at the Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Boston, MA.

ANEXOS

Anexo A

**ISPA**

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

FQQ

Dados Pessoais:

Nome:

Data de Nascimento:

Idade:

Género:

Escola:

Ano:

Turma:

Data de Preenchimento do Questionário:

Código: _____

Todos nós temos os nossos amigos. Pensa no **melhor amigo/amiga** que tens na **escola**.

Por favor escreve:

O seu **nome e apelido**:

O seu **ano e turma**:

Lembra-te que só podes escolher **UM** amigo/amiga e responde a todas as questões pensando sempre **nesta** vossa amizade. Circula o número que corresponde à tua resposta.

	1	2	3	4	5
	Nada Verdadeiro	Um pouco Verdadeiro	Verdadeiro	Bastante Verdadeiro	Muito Verdadeiro
1. Eu e o (a) _____ moramos muito perto um do outro.					1 2 3 4 5
2. Eu e o (a) _____ sentamo-nos sempre juntos durante o almoço.					1 2 3 4 5
3. Eu e o (a) _____ ficamos furiosos um com outro muitas vezes.					1 2 3 4 5
4. O (A) _____ diz-me que eu sou bom nas coisas.					1 2 3 4 5
5. Se outros jovens falam de mim nas minhas costas, o (a) _____ defende-me.					1 2 3 4 5
6. Eu e o (a) _____ fazemos com que cada um de nós se sinta importante e especial.					1 2 3 4 5
7. Eu e o (a) _____ escolhemo-nos sempre um ao outro para parceiros nas coisas.					1 2 3 4 5
8. Se o (a) _____ magoa os meus sentimentos, ele (ela) pede-me desculpa.					1 2 3 4 5
9. Eu sei que o (a) _____ às vezes diz coisas más de mim a outros jovens.					1 2 3 4 5
10. Posso sempre contar com o (a) _____ para ter boas ideias de jogos para nós brincarmos.					1 2 3 4 5
11. Se eu e o (a) _____ ficarmos zangados um com o outro, falamos sempre sobre o modo como ultrapassar essa zanga.					1 2 3 4 5
12. O (A) _____ gostará sempre de mim, mesmo que as outras crianças não gostem.					1 2 3 4 5

13. O (A) _____ diz-me que eu sou bastante esperto.	1	2	3	4	5
14. Eu e o (a) _____ contamos sempre um ao outro os nossos problemas.	1	2	3	4	5
15. O (A) _____ faz-me sentir bem com as ideias que tenho.	1	2	3	4	5
16. Quando estou zangado com alguma coisa que me aconteceu, posso sempre contar ao (à) _____ o que se passa.	1	2	3	4	5
17. Eu e o (a) _____ ajudamo-nos muito um ao outro com pequenas tarefas.	1	2	3	4	5
18. Eu e o (a) _____ fazemos favores especiais um ao outro.	1	2	3	4	5
19. Eu e o (a) _____ fazemos coisas muito divertidas.	1	2	3	4	5
20. Eu e o (a) _____ discutimos muito.	1	2	3	4	5
21. Eu nunca posso contar com o (a) _____ para cumprir uma promessa.	1	2	3	4	5
22. Eu e o (a) _____ vamos a casa um do outro.	1	2	3	4	5
23. Eu e o (a) _____ brincamos sempre juntos durante o recreio.	1	2	3	4	5
24. Quando tenho dificuldade em fazer alguma coisa, normalmente peço ajuda e opinião ao (à) _____.	1	2	3	4	5
25. Eu e o (a) _____ falamos das coisas que nos deixam tristes.	1	2	3	4	5
26. Eu e o (a) _____ fazemos facilmente as pazes quando brigamos.	1	2	3	4	5
27. Eu e o (a) _____ brigamos muito.	1	2	3	4	5
28. Eu e o (a) _____ estamos sempre a partilhar coisas como canetas, brinquedos e jogos, um com o outro.	1	2	3	4	5
29. Se eu e o (a) _____ estamos zangados um com o outro, falamos sempre do que poderíamos fazer para nos sentirmos melhor.	1	2	3	4	5
30. Se eu contar um segredo ao (à) _____, sei que posso confiar que ele (ela) não conta a ninguém.	1	2	3	4	5
31. Eu e o (a) _____ chateamo-nos um ao outro muitas vezes.	1	2	3	4	5
32. Eu e o (a) _____ temos sempre boas ideias da forma de fazermos as coisas.	1	2	3	4	5
33. Eu e o (a) _____ estamos sempre a emprestar coisas um ao outro.	1	2	3	4	5

34. O (A) _____ ajuda-me nas coisas de modo a que eu consiga despachar-me.	1	2	3	4	5
35. O (A) _____ e eu terminamos as nossas discussões muito depressa.	1	2	3	4	5
36. Eu e o (a) _____ contamos sempre um com o outro para termos boas ideias para fazermos as coisas.	1	2	3	4	5
37. O (A) _____ não ouve as minhas opiniões.	1	2	3	4	5
38. Eu e o (a) _____ contamos muitas coisas privadas um ao outro.	1	2	3	4	5
39. Eu e o (a) _____ ajudamo-nos muito um ao outro com o trabalho da escola.	1	2	3	4	5
40. Eu e o _____ contamos segredos um ao outro.	1	2	3	4	5
41. O (A) _____ importa-se com os meus sentimentos.	1	2	3	4	5

Anexo B

**KSS**

Dados Pessoais:

Nome:

Data de Nascimento:

Idade:

Género:

Escola:

Ano:

Turma:

Data de Preenchimento do Questionário:

Código:_____

INSTRUÇÕES:

Este questionário pretende saber como és com o teu pai e com a tua mãe – como ages e como te sentes perto deles. Cada pergunta fala de dois tipos de jovens, e queremos saber qual deles é mais parecido contigo. Antes de avançarmos, vamos dar um exemplo que explica passo a passo o processo de resposta.

Exemplo:

1. Lê as duas frases do exemplo:

“Alguns jovens preferem praticar desporto no seu tempo livre” OU “Outros jovens preferem ver televisão”.

2. Decide se és mais parecido com o jovem da **esquerda OU** com o da **direita**

És o tipo de pessoa que prefere praticar desporto nos seus tempos livres OU ver televisão?

3. Depois de escolheres uma das afirmações (ou a da esquerda ou a da direita), indica se esse jovem é **exactamente como tu OU mais ou menos como tu**.

4. Assinala com uma **CRUZ** a tua opção.

ASSINALA APENAS UMA RESPOSTA POR QUESTÃO.

Exact	Mais
a-	ou
ment	meno
e	s
como	como
eu	eu

Mais	Exact
ou	a-
meno	ment
s	e
como	como
eu	eu

Alguns jovens gostam de praticar desporto nos seus tempos livres. **MA** Outros preferem ver televisão.
S

COMO TE DÁS COM O TEU PAI

Agora vamos colocar-te algumas questões sobre a tua relação com o teu pai ou padrasto. Se tiveres uma relação tanto com o teu pai como com o teu padrasto, responde pensando na pessoa com quem vives.

Vais responder sobre a tua relação com o teu pai ou o teu padrasto? _____

- | | Exac
ta-
ment
e
com
o eu | Mais
ou
men
os
com
o eu | | | Mais
ou
men
os
com
o eu | Exac
ta-
ment
e
com
o eu | |
|----|---|--|---|----------------------------------|---|---|--------------------------|
| 1. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Para alguns jovens é fácil confiar nos seus pais. | M
A
S | Outros jovens não têm a certeza se podem confiar nos seus pais. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens sentem que os seus pais se intrometem demasiado/muito quando estão a tentar fazer alguma coisa. | M
A
S | Outros jovens sentem que os seus pais deixam-nos fazer as coisas por si próprias. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens acham fácil contar com os seus pais para os ajudar. | M
A
S | Outros jovens acham difícil contar com os seus pais. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

4. Alguns jovens acham que os seus pais passam tempo suficiente com eles. **MAS** Outros jovens acham que os seus pais não passam tempo suficiente com eles.
5. Alguns jovens não gostam de dizer aos seus pais o que estão a pensar ou a sentir. **MAS** Outros jovens gostam de dizer aos seus pais o que estão a pensar ou a sentir.
6. Alguns jovens não precisam dos seus pais para muitas coisas. **MAS** Outros jovens precisam dos seus pais para muitas coisas.
7. Alguns jovens desejam ser mais próximos dos seus pais. **MAS** Outros jovens estão contentes com a proximidade que têm com os seus pais.
8. Alguns jovens receiam que os seus pais não gostem realmente deles. **MAS** Outros jovens têm mesmo a certeza de que os seus pais gostam deles.
9. Alguns jovens sentem que os seus pais os compreendem. **MAS** Outros jovens sentem que os pais não os compreendem totalmente.
10. Alguns jovens têm a certeza que os seus pais não os abandonariam. **MAS** Outros jovens, por vezes, pensam que os seus pais podem abandoná-los.

- | | | | | | |
|---------|---|--|----------------------------------|---|---|
| 1
1. | <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> | Alguns jovens têm medo que os seus pais não estejam presentes quando precisarem. | M
A
S | Outros jovens têm a certeza que os seus pais estarão presentes quando precisarem. | <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> |
| 1
2. | <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> | Alguns jovens pensam que os seus pais não os ouvem. | M
A
S | Outros jovens pensam que os seus pais os ouvem. | <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> |
| 1
3. | <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> | Alguns jovens vão ter com os seus pais quando estão chateados. | M
A
S | Outros jovens não vão ter com os seus pais quando estão chateados. | <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> |
| 1
4. | <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> | Alguns jovens desejam que os seus pais os ajudem mais com os seus problemas. | M
A
S | Outros jovens acham que os seus pais ajudam os suficiente. | <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> |
| 1
5. | <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> | Alguns jovens sentem-se melhor quando os seus pais estão por perto. | M
A
S | Outros jovens não se sentem melhor quando os seus pais estão por perto. | <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> |

COMO TE DÁS COM A TUA MÃE

Agora vamos colocar-te algumas questões sobre a tua relação com a tua mãe ou madrasta. Se tiveres uma relação tanto com a tua mãe como com a tua madrasta, responde pensando na pessoa com quem vives.

Vais responder sobre a tua relação com a tua mãe ou madrasta? _____

	Exact a- mente como eu	Mais ou meno s como eu		MA S		Mais ou meno s como eu	Exact a- mente como eu
1.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Para alguns jovens é fácil confiar nas suas mães.		Outros jovens não têm a certeza se podem confiar nas suas mães.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Alguns jovens sentem que as suas mães se intrometem demasiado/muito quando estão a tentar fazer alguma coisa.		Outros jovens sentem que as suas mães deixam-nos fazer as coisas por si próprias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Alguns jovens acham fácil contar com as suas mães para os ajudar.		Outros jovens acham difícil contar com as suas mães.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Alguns jovens acham que as suas mães passam tempo suficiente com eles.		Outros jovens acham que as suas mães não passam tempo suficiente com eles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- | | | | | | | | |
|-----|------------------------------------|---------------------------------------|--|-----------------|--|---------------------------------------|------------------------------------|
| 5. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens não gostam de dizer às suas mães o que estão a pensar ou a sentir. | MA
S | Outros jovens gostam de dizer às suas mães o que estão a pensar ou a sentir. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | Exact
a-
mente
como
eu | Mais
ou
meno
s
como
eu | | | | Mais
ou
meno
s
como
eu | Exact
a-
mente
como
eu |
| 6. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens não precisam das suas mães para muitas coisas. | MA
S | Outros jovens precisam das suas mães para muitas coisas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens desejam ser mais próximos das suas mães. | MA
S | Outros jovens estão contentes com a proximidade que têm com as suas mães. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens receiam que as suas mães não gostem realmente deles. | MA
S | Outros jovens têm mesmo a certeza que as suas mães gostam deles. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens sentem que as suas mães os compreendem. | MA
S | Outros jovens sentem que as suas mães não os compreendem totalmente. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens têm a certeza que as suas mães não os abandonariam. | MA
S | Outros jovens, por vezes, pensam que as suas mães podem abandoná-los. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

- | | | | | | | | |
|---------|---|---|--|-----------------|---|---|---|
| 11
. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens têm medo que as suas mães não estejam presentes quando precisarem. | MA
S | Outros jovens têm a certeza que as suas mães estarão presentes quando precisarem. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12
. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens pensam que as suas mães não os ouvem. | MA
S | Outros jovens pensam que as suas mães os ouvem. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 13
. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens vão ter com as suas mães quando estão chateados. | MA
S | Outros jovens não vão ter com as suas mães quando estão chateados. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | Exact
a-
mente
como
eu | Mais
ou
meno
s
como
eu | | | | Mais
ou
meno
s
como
eu | Exact
a-
mente
como
eu |
| 14
. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens desejam que as suas mães os ajudem mais com os seus problemas. | MA
S | Outros jovens acham que as suas mães ajudam o suficiente. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 15
. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | Alguns jovens sentem-se melhor quando as suas mães estão por perto. | MA
S | Outros jovens não se sentem melhor quando as suas mães estão por perto. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

Anexo C

**IRR**

Dados Pessoais:

Nome:

Data de Nascimento:

Idade:

Género:

Escola:

Ano:

Turma:

Data de Preenchimento do Questionário:

Código:_____

I

1. Indica, no espaço em branco que segue, **o teu(tua) melhor amigo(a)**. Deve ser alguém da tua turma e do mesmo género que tu (ou seja, se fores do sexo masculino, indica um rapaz, ou uma rapariga se fores do sexo feminino). Por favor, escreve o nome e o apelido.

Primeiro(a) melhor amigo(a):_____

2. Agora, escreve o nome (primeiro e último) do teu **segundo melhor amigo(a)**. Novamente, deve ser alguém da tua turma e do mesmo género que tu.

Segundo(a) melhor amigo(a):_____

II

Nas linhas em branco que se seguem, escreve os nomes de outros três bons (boas) amigos(as) que estão no mesmo ano que tu, na tua escola. Ao contrário do primeiro grupo, agora podes indicar livremente amigos de qualquer género, isto é, tanto podem ser rapazes como raparigas. Deves, novamente, indicar o primeiro e o último nome.

• _____

• _____

• _____

Anexo D



ECP**Dados Pessoais:**

Nome:

Data de Nascimento:

Idade:

Género:

Escola:

Ano:

Turma:

Data de Preenchimento do Questionário:

Código:_____

EXEMPLO:

<p>Alguém que é muito alto.</p>
--

Selecciona as 2 pessoas de **qualquer turma do teu ano** que melhor desempenhariam este papel. Se te escolheres a ti próprio, indica uma outra pessoa.

a) Escreve o nome de **1RAPAZ** (primeiro e último nome e respectiva **turma**):

----- Turma:-----

b) Escreve o nome de **1RAPARIGA** (primeiro e último nome e respectiva **turma**):

----- Turma:-----

Faz agora o teu papel de encenador e escolhe os actores para todas as personagens! Selecciona, entre todos os teus colegas do teu ano (de qualquer turma), aqueles que melhor representam o papel de **ALGUÉM QUE:**

1. É um bom líder.

RAPAZES

RAPARIGAS

2. Interrompe os outros quando eles estão a falar.

RAPAZES

RAPARIGAS

3. É muito tímido.

RAPAZES

RAPARIGAS

4. Tem boas ideias para actividades.

RAPAZES

RAPARIGAS

5. É frequentemente ofendido/insultado.

RAPAZES

RAPARIGAS

6. Tem muitos amigos.

RAPAZES

RAPARIGAS

7. Perde o controlo ou se exalta facilmente.

RAPAZES

RAPARIGAS

8. Fala pouco ou fala baixo.

RAPAZES

RAPARIGAS

9. Gosta de se exhibir e de “dar nas vistas”.

RAPAZES

RAPARIGAS

10. É de confiança.

RAPAZES

RAPARIGAS

11. Entra em muitas brigas.

RAPAZES

RAPARIGAS

12. Sabe esperar pela sua vez.

RAPAZES

RAPARIGAS

13. É facilmente melindrável ou ofendido.

RAPAZES

RAPARIGAS

14. Tem dificuldade em fazer amigos.

RAPAZES

RAPARIGAS

15. É justo/correcto/“joga limpo”.

RAPAZES

RAPARIGAS

16. Raramente começa uma conversa.

RAPAZES

RAPARIGAS

17. É considerado, respeitado e cujas opiniões são ouvidas por todos.

RAPAZES

RAPARIGAS

18. Espalha boatos sobre os outros para que os colegas deixem de gostar deles.

RAPAZES

RAPARIGAS

19. Não é capaz de fazer com que os outros o ouçam.

RAPAZES

RAPARIGAS

20. Prefere passar tempo sozinho (jogar computador, ler ou desenhar) a estar com outras pessoas.

RAPAZES

RAPARIGAS

21. É incomodado e vitimizado pelos outros.

RAPAZES

RAPARIGAS

22. Faz amigos facilmente.

RAPAZES

RAPARIGAS

23. É muito “mandão”.

RAPAZES

RAPARIGAS

24. É frequentemente excluído/posto de parte.

RAPAZES

RAPARIGAS

25. Ajuda os outros quando eles precisam.

RAPAZES

RAPARIGAS

26. Habitualmente está triste.

RAPAZES

RAPARIGAS

27. Com quem todos gostam de estar.

RAPAZES

RAPARIGAS

28. Pensa que é o maior e o melhor.

RAPAZES

RAPARIGAS

29. Goza demasiado com os outros.

RAPAZES

RAPARIGAS

30. Passa mais tempo sozinho do que acompanhado.

RAPAZES

RAPARIGAS

31. É agredido fisicamente pelos outros.

RAPAZES

RAPARIGAS

32. Prefere estar com os outros do que sozinho.

RAPAZES

RAPARIGAS

33. Com quem preferes não estar.

RAPAZES

RAPARIGAS

34. Fica nervoso quando participa em discussões de grupo.

RAPAZES

RAPARIGAS

35. Com quem gostas mais de estar.

RAPAZES

RAPARIGAS

36. Incomoda e vitimiza os outros.

RAPAZES

RAPARIGAS

37. É bem-educado.

RAPAZES

RAPARIGAS

Anexo E

RESULTADOS - FIABILIDADE

Reliability**ECR****Scale: Withdrawal****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	206	100,0

Excluded ^a	0	,0
Total	206	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,784	4

Reliability

Scale: Aggression

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	206	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	206	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
------------------	------------

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,838	7

FQQ**Reliability****Scale: Validation and Caring****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	121	58,7
	Excluded ^a	85	41,3
	Total	206	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,850	9

Reliability

Scale: Conflict Resolution

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	124	60,2
	Excluded ^a	82	39,8
	Total	206	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,641	3

Reliability

Scale: Conflict and Betrayal

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	122	59,2
	Excluded ^a	84	40,8
	Total	206	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,822	7

Reliability

Scale: Help and Guidance

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	128	62,1
	Excluded ^a	78	37,9
	Total	206	100,0

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	128	62,1
	Excluded ^a	78	37,9
	Total	206	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,889	9

Reliability

Scale: Companionship and Recreation

Case Processing Summary

		N	%
--	--	---	---

Cases	Valid	127	61,7
	Excluded ^a	79	38,3
	Total	206	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,657	4

Reliability

Scale: Intimate Exchange

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	124	60,2
	Excluded ^a	82	39,8
	Total	206	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,866	6

KSS**Reliability****Scale: Security PAI****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	127	61,7
	Excluded ^a	79	38,3
	Total	206	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
------------------	------------

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,739	15

Reliability**Scale: Security MÃE****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	132	64,1
	Excluded ^a	74	35,9
	Total	206	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,771	,787	15

Anexo F

Crosstabs

Case Processing Summary

	Cases
--	-------

	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Género *GROUPS	46	22,3%	160	77,7%	206	100,0%

Género *GROUPS Crosstabulation

			GROUPS		Total
			1	2	
Género 1	Count	11	15	26	
	Expected Count	9,6	16,4	26,0	
2	Count	6	14	20	
	Expected Count	7,4	12,6	20,0	
Total	Count	17	29	46	
	Expected Count	17,0	29,0	46,0	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,735 ^a	1	,391		
Continuity Correction ^b	,302	1	,583		
Likelihood Ratio	,742	1	,389		

Fisher's Exact Test					,540	,293
Linear-by-Linear Association	,719	1	,396			
N of Valid Cases	46					

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 7,39.

b. Computed only for a 2x2 table

Crosstabs

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
GROUPS * Escolha MeAm	36	17,5%	170	82,5%	206	100,0%

GROUPS * Escolha MeAm Crosstabulation

			Escolha MeAm		Total
			Unilateral	Recíproca	
GROUPS	1	Count	10	5	15

	Expected Count	6,7	8,3	15,0
2	Count	6	15	21
	Expected Count	9,3	11,7	21,0
Total	Count	16	20	36
	Expected Count	16,0	20,0	36,0

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	5,143 ^a	1	,023		
Continuity Correction ^b	3,716	1	,054		
Likelihood Ratio	5,238	1	,022		
Fisher's Exact Test				,041	,026
Linear-by-Linear Association	5,000	1	,025		
N of Valid Cases	36				

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 6,67.

b. Computed only for a 2x2 table

Anexo G

Grupo 1- Retirados

Grupo 2- Controllo

Descriptives

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
						Lower Bound	Upper Bound		
caring	1	14	3,1857	,80657	,21556	2,7200	3,6514	1,60	4,50
	2	26	3,6423	,73657	,14445	3,3448	3,9398	1,80	4,50
	Total	40	3,4825	,78312	,12382	3,2320	3,7330	1,60	4,50
resolution	1	16	3,6458	1,01448	,25362	3,1053	4,1864	1,67	5,00
	2	26	4,0256	1,05377	,20666	3,6000	4,4513	1,00	5,00
	Total	42	3,8810	1,04329	,16098	3,5558	4,2061	1,00	5,00
betrayal	1	16	1,4196	,54827	,13707	1,1275	1,7118	1,00	2,71
	2	26	1,3736	,55707	,10925	1,1486	1,5986	1,00	3,14
	Total	42	1,3912	,54746	,08447	1,2206	1,5618	1,00	3,14
help	1	16	3,5000	,94629	,23657	2,9958	4,0042	2,00	4,89
	2	28	3,9087	,90118	,17031	3,5593	4,2582	1,78	5,00
	Total	44	3,7601	,92837	,13996	3,4779	4,0424	1,78	5,00
companionship	1	17	2,5529	,72294	,17534	2,1812	2,9246	1,20	3,80
	2	27	2,9704	,69880	,13448	2,6939	3,2468	1,20	3,80
	Total	44	2,8091	,72939	,10996	2,5873	3,0308	1,20	3,80
intimate	1	16	3,2500	1,17221	,29305	2,6254	3,8746	1,33	4,83
	2	27	4,0802	,90744	,17464	3,7213	4,4392	2,00	5,00
	Total	43	3,7713	1,07953	,16463	3,4391	4,1035	1,33	5,00

security pai	1	17	3,0917	,35400	,08586	2,9097	3,2737	2,13	3,67
	2	28	3,2537	,36285	,06857	3,1130	3,3944	2,33	3,80
	Total	45	3,1925	,36424	,05430	3,0831	3,3020	2,13	3,80
security mãe	1	17	3,2745	,45819	,11113	3,0389	3,5101	2,00	3,87
	2	28	3,3799	,36086	,06820	3,2400	3,5199	2,40	3,80
	Total	45	3,3401	,39865	,05943	3,2203	3,4599	2,00	3,87
IRR1	1	24	,58	,717	,146	,28	,89	0	2
	2	41	,98	1,060	,166	,64	1,31	0	4
	Total	65	,83	,961	,119	,59	1,07	0	4
IRR2	1	24	,42	,654	,133	,14	,69	0	2
	2	41	,90	1,136	,177	,54	1,26	0	5
	Total	65	,72	1,008	,125	,47	,97	0	5
IRR3	1	24	1,38	1,498	,306	,74	2,01	0	6
	2	41	2,51	1,859	,290	1,93	3,10	0	8
	Total	65	2,09	1,809	,224	1,64	2,54	0	8

Anexo H

ANOVA One Way

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
--	----------------	----	-------------	---	------

caring	Between Groups	1,897	1	1,897	3,274	,078
	Within Groups	22,021	38	,579		
	Total	23,918	39			
resolution	Between Groups	1,429	1	1,429	1,323	,257
	Within Groups	43,198	40	1,080		
	Total	44,627	41			
betrayal	Between Groups	,021	1	,021	,068	,795
	Within Groups	12,267	40	,307		
	Total	12,288	41			
help	Between Groups	1,701	1	1,701	2,020	,163
	Within Groups	35,359	42	,842		
	Total	37,060	43			
companionship	Between Groups	1,818	1	1,818	3,625	,064
	Within Groups	21,059	42	,501		
	Total	22,876	43			
intimate	Between Groups	6,925	1	6,925	6,757	,013
	Within Groups	42,021	41	1,025		
	Total	48,946	42			
secp	Between Groups	,278	1	,278	2,148	,150
	Within Groups	5,560	43	,129		
	Total	5,838	44			

secm	Between Groups	,118	1	,118	,735	,396
	Within Groups	6,875	43	,160		
	Total	6,992	44			
IRR1	Between Groups	2,330	1	2,330	2,583	,113
	Within Groups	56,809	63	,902		
	Total	59,138	64			
IRR2	Between Groups	3,572	1	3,572	3,663	,060
	Within Groups	61,443	63	,975		
	Total	65,015	64			
IRR3	Between Groups	19,577	1	19,577	6,496	,013
	Within Groups	189,869	63	3,014		
	Total	209,446	64			

IRR3-Escolhas só de colegas da turma